

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

DANIELA DELMANDO DE FREITAS

**PSICOLOGIA NA ESCOLA E IDEIAÇÃO SUICIDA: POSSIBILIDADES DE
AÇÃO**

**CAMPINAS
2024**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

DANIELA DELMANDO DE FREITAS

**PSICOLOGIA NA ESCOLA E IDEIAÇÃO SUICIDA: POSSIBILIDADES DE
AÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Escola de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo.

**CAMPINAS
2024**

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F862p	<p>Freitas, Daniela Delmando de</p> <p>Psicologia na escola e ideação suicida : possibilidades de ação / Daniela Delmando de Freitas. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.</p> <p>61 f.</p> <p>Orientador: Raquel Souza Lobo Guzzo.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Desenvolvimento Integral. 2. Ideação Suicida na Escola. 3. Psicologia Escolar. I. Guzzo, Raquel Souza Lobo. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências da Vida. Programa de Pós-graduação em Psicologia. III. Título.</p>
-------	--

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

DANIELA DELMANDO DE FREITAS

PSICOLOGIA NA ESCOLA E IDEIAÇÃO SUICIDA: POSSIBILIDADES DE
AÇÃO


Dissertação defendida e aprovada em 24 de setembro de 2024 pela
Comissão Examinadora.



Prof. Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo
Orientadora da Dissertação e Presidente da Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)



Prof. Dra. Vera Lúcia Trevisan de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)

Documento assinado digitalmente
 **NILSON BERENCHTEIN NETTO**
Data: 02/10/2024 15:18:05 -0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Dr. Nilson Berencheim Netto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
(UNESP)

Dedico essa dissertação ao meu pai.
A vida é um sopro, sinto sua falta.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe que sempre me incentivou a ser honesta com meus sentimentos e dedicada naquilo que eu acreditava. A certeza dos meus caminhos vem da força que você me transmite. Ao meu irmão, um sonhador e futuro pesquisador, aprendo com você sobre a importância das paixões na vida,

À minha família, Adriana, Edson, Larissa, Vitor, Eliseu, Ricardo, Cristiane, Giovanni, Gabriela e Giulia. Em tempestades vocês foram o meu abrigo, e parte do que sou hoje foi de todo o amor que vocês me deram,

Ao meu amado parceiro de vida, Lucas. Por ser um dos maiores admiradores e incentivadores para meu crescimento pessoal e profissional. A caminhada ao seu lado tem me mostrado a riqueza do companheirismo, do carinho e da leveza da vida,

À Marcela, Geraldo e João, que desde muito cedo me acolheram como filha e irmã na família,

Às minhas amigas do grupo de pesquisa, Larissa, Laís, Mariana, Letícia e Laura, pelos cafés, discussões e aprendizados. Vocês me mostraram o sentido de um coletivo. Em especial à Larissa, Laís e Mariana que me acolheram, não só nas minhas idas à Campinas, mas também nas escutas atentas, chamadas de vídeo e jantares afetuosos,

À minha segunda família, Lisa, José Ângelo, Pedro, Júlia, Maurício, Caroline e Régis pelo apoio incondicional ao longo da minha trajetória, especialmente à Caroline que me abraçou nas palavras e segurou minha mão nos momentos difíceis,

À Ana Flávia, companheira de graduação e um feliz retorno na pós-graduação, era sempre muito gostoso saber que eu teria você cotidianamente na minha vida,

À Monique Lorena, uma inspiração como pessoa e profissional. Sou muito feliz pelos nossos caminhos terem se cruzado e se fortificado ao longo dos anos,

À minha orientadora e professora, Raquel, que me transformou através da sua sabedoria e provocações. Agradeço todas as trocas que tivemos, mas guardo comigo uma em especial, em um momento muito difícil me acolheu e me deu segurança de permanecer. Raquel é uma potência, uma inspiração, que me faz aprender e reaprender todos os dias,

À Natália, por escolher caminhar junto comigo em suas iniciações científicas nessa temática. Nossas trocas são sentidas com muito afeto e delicadeza,

À Solange Wechsler, que permitiu que eu me desenvolvesse ao longo da graduação na pesquisa,

Aos professores Rodolfo Ambiel e João Messias pelas reflexões na minha caminhada acadêmica,

À professora Vera Trevisan, pelas discussões em aula e contribuições na minha banca de qualificação e defesa de Mestrado,

Ao professor Nilson Berenchein, pelas produções críticas sobre suicídio e pelas considerações na minha banca de qualificação e defesa de Mestrado,

Aos estagiários, Thais, Lucas, Raquel, Laura, Bruna, Vitor, Mateus, Ysamara e Vitória, pela possibilidade de trocas e crescimento conjunto,

À equipe escolar, que me acolheu desde o momento em que me inseri na escola,

Aos estudantes, que nessa relação me ensinam sobre as minúcias da vida,

Ao meu pai, um homem que sorria com os olhos e falava com o coração. A intensidade de sua vida permanece nas sutilezas dos momentos que guardo em minhas memórias. Para aqueles que tiveram o privilégio de conhecer José Carlos puderam sentir o amor genuíno que ele transmitia; esse é o maior ensinamento que carrego comigo,

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

RESUMO

O presente estudo visou compreender as possibilidades de ação da psicologia na escola diante da ideação suicida em estudantes do Ensino Fundamental. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com desenho de estudo de um caso e análise documental. Foi selecionado o caso de uma estudante que apresentou a ideação suicida em seu discurso para o Estudo de Caso. As informações foram obtidas a partir de documentos como o Primeiro Contato, Relatório de Acompanhamento do desenvolvimento da criança, Mapeamento para conhecer as dimensões da vida cotidiana, e Diários de Campo da pesquisadora provenientes das ações realizadas com a estudante. Diante dos dados colhidos, a interpretação foi feita a partir do modelo construtivo-interpretativo de González-Rey, perante as seguintes etapas: (1) organização dos materiais e informações; (2) leitura minuciosa dos documentos para levantamento das informações; (3) codificação das frases ou palavras destacadas; (4) categorização dos códigos por semelhança; (5) análise das categorias por meio do *software Atlas.ti.*, para gerar indicadores de risco associados à ideação suicida; (6) análise das ações realizadas pela profissional de psicologia. Foram identificadas doze categorias de sentido e dezesseis coocorrências. As que mais chamaram a atenção foram: I) “Consciência do Processo” e “Rede de Apoio”; II) “Contexto Vulnerabilizado” e “Uso abusivo de drogas;” III) “Contexto Vulnerabilizado” e “Dinâmica Familiar”; IV) “Preocupação com o outro” e “Rede de apoio”. Considerando os resultados discutidos, é fundamental que o psicólogo escolar adote uma perspectiva psicossocial para compreender as realidades dos estudantes, bem como as violências e violações de direitos que a criança está manifestando. Conclui-se que, com base no caso estudado, é possível desenvolver ações de prevenção ao suicídio em nível amplo, a partir de uma psicologia escolar crítica. Este estudo foi apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq).

Chave: Desenvolvimento Integral; Ideação suicida na escola; Psicologia Escolar.

ABSTRACT

This study aimed to explore the potential roles of school psychology in addressing suicidal ideation among elementary school students. It is qualitative research employing a case study design and documentary analysis. The case of a student who exhibited suicidal ideation in her discourse was selected for this case study. Information was collected from documents including the Initial Contact, the Child Development Monitoring Report, the Mapping of Daily Life Dimensions, and the Researcher's Field Diaries, which documented actions undertaken with the student. Data interpretation was carried out using González-Rey's constructive-interpretative model, encompassing the following steps: (1) organization of materials and information; (2) meticulous review of documents to extract information; (3) coding of highlighted phrases or words; (4) categorization of codes by similarity; (5) analysis of categories using *Atlas.ti* software to generate risk indicators associated with suicidal ideation; and (6) evaluation of the actions performed by the psychologist. Twelve categories of meaning and sixteen co-occurrences were identified. Noteworthy categories included: I) "Process Awareness" and "Support Network"; II) "Vulnerable Context" and "Substance Abuse"; III) "Vulnerable Context" and "Family Dynamics"; IV) "Concern for Others" and "Support Network". Based on the results, it is essential for school psychologists to adopt a psychosocial perspective to understand students' realities, including the violence and rights violations they may be experiencing. It is concluded that, based on the case studied, broad-based suicide prevention strategies can be developed from a critical school psychology perspective. This study was funded by the National Council for Scientific and Technological Development – Brazil (CNPq).

Keywords: Integral Development; Suicidal Ideation at school; School Psychology.

Sumário

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	7
ABSTRACT	8
Índice de Figuras e Tabelas	10
Índice de Anexos	10
JUSTIFICATIVA	11
APRESENTAÇÃO DO TRABALHO	14
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
1.1. O conceito de saúde mental e sua relação com o sofrimento ético-político	15
1.2. Desenvolvimento infantil: perspectiva do sujeito.	17
1.2.1 Desenvolvimento Infantil	17
1.2.2 A violência como fator de risco no desenvolvimento integral da criança.	18
1.3. Projeto ECOAR: a ação do psicólogo na escola na prevenção à violência.....	19
1.4. O conceito de suicídio e ideação suicida.....	20
2. OBJETIVOS	23
2.1. Objetivo Geral	23
2.2. Objetivos específicos.....	23
3. MÉTODO	23
3.1. Fundamentos Metodológicos	23
3.2. Contexto da Pesquisa	24
3.3. Instrumentos e fontes de informação	25
3.3.1 História de Vida	26
3.4. Procedimentos para obtenção das informações.....	28
3.5. Considerações Éticas.....	29
4. RESULTADOS	30
4.1. Plano para Análise.....	30
4.2. Análise dos Resultados.....	31
5. DISCUSSÃO	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
7. REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	49
ANEXO 1	50
ANEXO 2	51
ANEXO 3	52

Índice de Figuras e Tabelas

Figura 1 - Gráfico referente as porcentagens de ocorrência das categorias

Figura 2 - Gráfico referente as porcentagens de ocorrência das categorias em 2022

Figura 3 - Gráfico referente as porcentagens de ocorrência das categorias em 2023

Figura 4 - Tabela referente as coocorrências das categorias pelo *software Atlas.ti*

Índice de Anexos

Anexo 1 - Produção artística feita pela estudante

Anexo 2 - Categorias de sentido pensadas para a análise

Anexo 3 - Trechos extraídos dos diários de campo com sua respectiva citação, codificação e categoria de sentido.

JUSTIFICATIVA

Desde o momento em que escolhi fazer a graduação em Psicologia, eu sabia que queria atuar na escola. No terceiro ano, com os estágios básicos, vivenciei experiências com crianças de 07 anos, ou seja, anos iniciais do ensino fundamental. Posteriormente, no quarto ano da graduação, realizei um estágio de intervenção com uma turma do sexto ano de uma escola municipal de uma cidade do interior de São Paulo.

Ao finalizar os estágios percebi que faltava sentido na ação do psicólogo na escola, a ausência desse profissional compondo equipe técnica escolar deixava uma lacuna no acompanhamento do desenvolvimento e da aprendizagem dos estudantes. Questionava-me se eu conhecia aquelas crianças a ponto de pensar se as intervenções faziam sentido para elas. A escola não conhecia os familiares, a história de vida, o cotidiano daqueles estudantes dentro e fora da escola, entre outras dimensões sociais, que, somente observando, eu não teria conhecimento. Faltava um exercício profissional da psicologia pautado na realidade concreta e comprometida com a mudança social daquela comunidade, somente uma simples observação em campo não era capaz de apontar ou mover o que havia em mim.

No quinto ano da graduação escolhi estágio no Projeto ECOAR – Espaço de Convivência Ação e Reflexão-, que tem por objetivo o enfrentamento das diversas formas de violência explicitadas na escola, a partir de uma perspectiva psicossocial pautada no desenvolvimento de ações preventivas, que advém de uma perspectiva crítica (Guzzo, Ribeiro, Meireles, Feldmann, Silva, Santos, Nascimento, 2019). Desse modo, pude atuar ao lado de uma profissional de campo, em uma escola municipal de ensino fundamental. Lembro-me que estava receosa por experiências não significativas em atuações passadas, o qual se tornou um desafio mais pessoal do que profissional.

Hoje, já formada, continuo parte da equipe ECOAR e atuando profissionalmente na mesma escola. Os anos de estudos e práticas, fizeram com que eu tivesse mais clareza sobre a importância do psicólogo escolar diante da realidade concreta, em meio a um exercício ético-político da profissão. Amparada pela lei 13.935/19, foi feita a defesa desse profissional como parte do corpo técnico da escola, dialogando com a prática cotidiana e os atores que a compõe. Corroborando com a ideia de Martín-Baró (1996) “Trabalhar é, antes e fundamentalmente, fazer-se a si mesmo, transformando a realidade, encontrando-se ou alienando-se nesse *que fazer* sobre rede das relações” (p.15). Para compreender os desafios da escola pública brasileira é necessário conhecer e analisar o que acontece dentro desse espaço.

Durante a prática psicológica no projeto ECOAR uma das ações são os acompanhamentos individuais de estudantes e as demandas do cotidiano da escola, deparei-me com um sofrimento de crianças de onze a quatorze anos, que revelavam uma falta de sentido para sua vida, que tinham o desejo de não viver mais. Alguns questionamentos começaram a surgir ao longo da minha intervenção: qual o meu papel? Quais são os limites da minha atuação nestes casos? Quais equipamentos da Rede de proteção preciso articular? Como lidar com um sofrimento psicológico de ideação suicida, quando a realidade de vida dessas crianças não as permite se enxergar em outro lugar que não seja a própria morte? A partir dessas problemáticas realizei uma revisão de literatura¹ para nortear minhas ações diante da realidade da escola pública. Porém, poucos estudos estavam voltados à prática na escola, sendo predominantes estudos clínicos, sem uma perspectiva da realidade latino-americana ou fora do escopo psiquiátrico.

No último dado publicado pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM)², entre 2010 e 2019, o número de mortes por suicídio foi de 112.230, sendo 43% a mais entre os anos – de 9.454 em 2010, para 13.523 em 2019. Ainda nessa análise, a taxa de mortalidade entre os jovens foi significativa, sofrendo um incremento de 81% no período, saindo de uma taxa de 3,5 mortes por 100 mil habitantes e 606 óbitos, para 6,4 suicídios para cada 100 mil adolescentes e 1.022 óbitos, destacando-se mortes por suicídio em menores de 14 anos (BRASIL, 2021).

No município em que a pesquisa foi desenvolvida, o SISNOV- Sistema de Notificação de Violências³ – de janeiro a junho de 2021 ocorreram 87 casos notificados de tentativa de suicídio/ suicídio. Mas, entre todas as notificações de violências abarcadas, a região Noroeste foi a que mais sobressaiu, com 143 casos declarados. Esta é a região em que o projeto ECOAR iniciou e permanece com suas ações de atuação da Psicologia Escolar.

Diante desses números e da realidade que se apresenta nesse contexto escolar, o profissional de psicologia, a partir de uma prática psicossocial voltada ao desenvolvimento de ações preventivas, evidencia uma práxis revolucionária e crítica para a mudança desta

¹ As palavras chaves pesquisadas foram ideação suicida e adolescentes, no portal da Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), acesso em 24-08-2022.

² SIM: sistema que unifica mais de quarenta modelos de instrumentos usados ao longo dos anos para coletar dados sobre mortalidade no país.

³ SISNOV: sistema intersetorial e interinstitucional de notificação de casos de violências intrafamiliares, urbana/comunitária, interpessoal, e violência autoprovoçada, atendidos pela rede de enfrentamento e prevenção às violências pelo município.

realidade entre as crianças com intervenções preventivas (Guzzo, 2019). Logo, a importância da psicologia na/ para a escola adentra como prevenção ao sofrimento psíquico dos estudantes.

Outra prática da psicologia na escola, por meio do projeto ECOAR que desenvolvo é a formação de professores. Quando discutimos, com o grupo de professores e gestores, há um desconhecimento do tema, levando a ações de aconselhamento e vitimização. A concepção de que fatores psiquiátricos desencadeariam esse sofrimento tem sido predominante, sendo ignorado fatores sociais, econômicos, e estruturais daqueles estudantes, manifestando uma ausência de ferramentas e estratégias para lidar com essa demanda.

Portanto, estudar a ideação suicida em idade escolar, trazendo a perspectiva do sujeito que está em sofrimento, para dialogar com a comunidade escolar, torna-se necessário para pensar nas ações preventivas que fazem sentido para as pessoas que estão dentro das escolas. O papel do profissional da psicologia nesse diálogo, comprometido com a realidade concreta, é garantir que os estudantes sejam escutados e acolhidos em seu sofrimento, não estigmatizados socialmente, sendo esse um compromisso ético-político com a escola pública e com o desenvolvimento da criança.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

A presente pesquisa está inserida no Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, na área de concentração de Psicologia Ciência e Profissão, incorporado à linha de pesquisa “Intervenções Psicológicas e Processos de Desenvolvimento Humano” e ao grupo de pesquisa “GEP-InPsi – Avaliação e Intervenção Psicossocial: Prevenção, Comunidade e Libertação”.

Este trabalho resultou da ação da pesquisadora dentro da escola, na interação com os atores escolares, sendo eles professores, gestão, estudantes, pais e funcionários. Portanto, nasce de uma demanda do chão da escola e das necessidades ali vivenciadas, que por vezes são encobertas pela visão hegemônica do fenômeno e não discutidas e refletidas para gerar uma ação transformadora. Por essa razão esta pesquisa formula algumas questões a serem discutidas.

Diante disso, a pesquisa foi organizada em quatro eixos de fundamentação teórica. O primeiro diz respeito à concepção de saúde mental e a relação com o sofrimento ético-político. Adiante, proponho a discussão sobre o desenvolvimento integral infantil, e como a violência é um fator de risco para esse percurso. Apresentamos o modo que o Projeto ECOAR fundamenta-se para respaldar a prática defendida nesta pesquisa do profissional de psicologia escolar. E por fim, o diálogo sobre concepção de suicídio e ideação suicida adotado, levando em consideração o sujeito como produto e produtor social, sem distanciar de sua totalidade.

No segundo momento, apresentamos os objetivos e metodologia da pesquisa, como forma de esquematizar e elucidar os caminhos percorridos nesse estudo. Perpassamos por participantes, contexto, instrumentos e fontes de informação, procedimentos para obtenção dos dados, as considerações éticas e o procedimento realizado para a análise do que foi investigado.

Ao final, sistematizamos os resultados da análise do caso escolhido, bem como uma discussão das categorias de sentido e a ação da profissional na escola. Para além, considerações sobre o trabalho e apontamentos para futuras pesquisas são discutidos.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. *O conceito de saúde mental e sua relação com o sofrimento ético-político*

Nesse tópico aprofundaremos sobre os conceitos de saúde mental e sofrimento ético-político. De início, discorreremos sobre o termo saúde e bem-estar, a partir da perspectiva do sujeito. Ademais, discutiremos sobre saúde mental, e o processo histórico e cultural que constitui o sujeito. Por fim, caracterizaremos o termo fundado por Sawaia (2019), de sofrimento ético-político, que defende esse fenômeno como resultante social e não individual.

Segundo a OMS (1946), o conceito de saúde é definido como um completo bem-estar físico, social e mental, não somente a ausência de enfermidades e doenças. Corroborando com esse pensamento, a Organização das Nações Unidas (ONU), apontou quatro condições mínimas para assegurar esse direito à saúde: acessibilidade, aceitabilidade, disponibilidade e qualidade do serviço público do país.

No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS), foi criado para atender o direito fundamental à saúde para todos, sem distinção de etnia, religião, condição socioeconômica, sendo um valor coletivo (Ministério da Saúde, s/d.). Essa grande conquista democrática funda-se em três pilares: universalidade, integralidade e igualdade. Antes, somente quem tinha vínculo formal empregatício ou à previdência social privada poderiam ter acesso ao sistema público de saúde.

Pensando em saúde como um direito do sujeito, Sen (1999) discute a ideia de desenvolvimento na perspectiva de cinco necessidades essenciais: (I) liberdades políticas, (II) facilidades econômicas, (III) oportunidades sociais, (IV) garantia de transparência e (V) segurança protetora. Essas estruturas sociais articuladas com a promoção da saúde, exprimem-se, intrinsecamente, nas suas diferenças fortalecendo umas às outras. A partir desses tópicos o autor colaborou para a construção do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), um contraposto ao Produto Interno Bruto (PIB), que considerava apenas a dimensão econômica do desenvolvimento. Nesse novo modelo a saúde e educação são contempladas como fator para entendimento do desenvolvimento da população (PNUD, s/d).

Aprofundando mais o tema, no que tange à discussão sobre bem-estar, este, de certa forma, é um conceito complexo. Para tal, envolve a satisfação simultânea de três tipos de necessidades: pessoais, coletivas e relacionais (Prilleltensky, 2008). Segundo o autor, as necessidades pessoais expressam-se no âmbito individual, como a saúde, e estão, intrinsecamente, ligadas às necessidades coletivas, como o acesso à saúde e políticas públicas.

Já as necessidades relacionais implicam na interação entre as agendas individuais e coletivas, que têm como ponto central a participação e colaboração democrática.

Portanto, o conceito de bem-estar não é apenas multidimensional, mas também hierárquico (Prilleltensky, Nelson e Peirson, 2001). É como uma pirâmide, no topo está o sujeito e na base a sociedade, permeada pela família e a comunidade. Assim, o bem-estar individual é envolvido pelo bem-estar familiar, e este está relacionado ao bem-estar comunitário e social. Essa ideia fortalece a importância da leitura do sujeito, a partir de um contexto social e político na interação entre eles, sendo construído e vivenciado o bem-estar nessas condições.

Uma discussão pertinente quando falamos sobre saúde é dialogar com o conceito de doença, especificamente da doença mental. O médico e psiquiatra Thomas Szasz (1979), em um dos seus ensaios, discorre sobre o mito da doença mental. Para o autor, os parâmetros estabelecidos têm como papel principal dar continuidade a uma lógica determinista e médica, fundada no estigma e controle das pessoas. A ideia permeada é de ser algo tratável, como uma gripe. O ponto é, viver é uma luta contínua, não somente pela sobrevivência biológica, mas por valores sociais que vão sendo construídos. A quebra desse juízo dominante, que se funda em uma lógica medicalizante, dos comportamentos que fogem do esperado socialmente, é um importante passo para repensar as relações estabelecidas e ter uma efetiva mudança social.

Com o avanço em romper esses pensamentos deterministas, Martín-Baró (2011), dedicou sua trajetória à crítica desses saberes, principalmente em relação à realidade latino-americana. Em especial, discutiu a importância de um projeto ético-político que traga o sujeito como constituído em sua concretude histórica e social, não distante da relação entre ele e o mundo. O conceito de saúde mental não pode ser entendido sem a perspectiva da totalidade do sujeito. Ela constitui-se de forma individual, porém é permeada pelo coletivo e o momento histórico presente (Martín-Baró, 2011).

Vasconcelos (2013), tem como prisma central de suas discussões, o papel dos coletivos como forma de mudança na perspectiva individual. Há uma crítica consistente à hegemonia cultural e hierárquica que produz marcas políticas e sociais nas classes populares, acarretando desigualdades e informalidade trabalhista. O que é de fato ofertado como saúde mental para esse público torna-se destoante das classes dominantes.

Para tal, o conceito de sofrimento ético-político dialoga com o que foi discutido até então. Ele surge para colaborar nas reflexões e intervenções psicossociais, sobre contradições e dominações sociais. Manifesta-se permeado pelas vivências particulares dominantes, em situações que o sujeito é tratado como inferior, sem valor, e dispensável socialmente. Ou seja,

entende-se que o sofrimento não é de ordem individual, resultante de desajustamentos e não-adaptações, mas sim, acarretado pela situação social que ele está imerso (Sawaia, 1999; Sawaia & Silva, 2019). Essa ideia é baseada na categoria de análise da dialética inclusão/exclusão social, no qual a partir do cenário social capitalista em que estamos inseridos, a questão de inclusão perversa é o ponto chave. A lógica é incluir o sujeito para excluí-lo, reafirmando a manutenção de dependência ao sistema (Sawaia, 2001).

Ao longo do raciocínio construído nesse tópico, pode-se concluir que a saúde mental não estaria atrelada somente ao sujeito, mas sim parte da díade sujeito-sociedade. Toma-se como parâmetro a realidade concreta, situada como uma produção humana, circunscrita e imersa em uma sociedade capitalista. A partir desse entendimento, faz-se importante dialogar sobre a quem estamos respondendo quando postulamos parâmetros para definir esse fenômeno (Costa & Mendes, 2021).

1.2. *Desenvolvimento infantil: perspectiva do sujeito.*

Estes dois subeixos irão dialogar sobre qual perspectiva de Desenvolvimento Infantil tomamos para o trabalho. A integralidade dos conceitos e do sujeito fez-se como primordial para a discussão deste processo. Ademais, discorreremos sobre a violência como uma situação-limite para o desenvolvimento da criança, tornando-se um fator de risco.

1.2.1 *Desenvolvimento Infantil*

O eixo partirá da perspectiva Histórico-Cultural de Vigotski (2001/ 2018) para delinear a discussão sobre Desenvolvimento Infantil. Faz-se importante pontuar que, para o autor, este processo parte de uma díade entre indivíduo-meio, não como algo dicotômico, mas sim integrados em si, numa relação intrínseca. A questão principal é que, o meio é fonte de desenvolvimento, no qual o psiquismo se desenvolve do social para o individual. Isso não quer dizer que o ambiente tem poder, pelo contrário, o sujeito torna-se um participante ativo em seu processo de desenvolvimento, por meio das condições biológicas em interações ambientais (Vigotski 2001/2018).

Neste complexo processo de desenvolvimento, conceitos como Funções Psicológicas Elementares (FPE) e Funções Psicológicas Superiores (FPS) são relevantes para dialogar sobre este ponto. Ao nascer, o bebê tem contato com uma parcela restrita de pessoas e interações. É comum ele perceber o ambiente, ou ter reflexos a partir de uma ação. Esse modo de se relacionar com o mundo são as FPEs, que se caracterizam por processos involuntários,

relacionados a fatores biológicos e inatos. Ao longo do crescimento da criança, com as relações que ela estabelece, estas funções elementares vão sendo mediadas por apropriações culturais, fomentando que aspectos naturais passem a ser culturais. Essa passagem é denominada de FPS. Isto significa que, o desenvolvimento do sujeito antes de ocorrer propriamente no psiquismo, deve manifestar-se no social, ou seja, nas relações que o sujeito constitui ao longo da vida (Vigotski 2001/2018).

Durante a vida, o sujeito passa por situações que geram sentidos e significados singulares para ele. A vivência, portanto, é atribuída a partir de um referencial formado pela interação do sujeito com o meio e o quanto impacta a sua realidade. A partir dos nexos, novas redes vão sendo formadas, e constantemente reformuladas (Souza & Andrada, 2013).

Concordando com Vigotski, o autor Holzkamp (2018) postula que o desenvolvimento tem como cerne a participação ativa do sujeito nas transformações das suas possibilidades de ação. Além disso, infere que não tem como pensar desenvolvimento descolado da realidade e das relações estabelecidas, não há possibilidade de ser um processo unilateral e independente. O sujeito se faz no/e com o mundo. Deste modo, ao estudar desenvolvimento infantil, deve-se priorizar a perspectiva do sujeito, circunscrita na realidade e nos significados e sentidos ali perpetuados, partindo do pressuposto do sujeito que fala sobre si, e não de critérios deslocados e elaborados por adultos (Holzkamp, 1992).

1.2.2 *A violência como fator de risco no desenvolvimento integral da criança.*

Para articular com as informações acima, esse eixo contemplará a discussão sobre a violência como fator de risco para o desenvolvimento da criança. Para tal, adotaremos o autor Martín-Baró para fundamentar o diálogo.

Importante ressaltar que, a Psicologia da Libertação surgiu da vivência de Martín-Baró na guerra civil em El Salvador. O cenário de desigualdade social, conflitos raciais, repressão política, resultou em mais de 75 mil mortes de civis. A partir disso, construiu-se uma psicologia oposta aos pensamentos hegemônicos, que priorizava a população oprimida e violentada pelo Estado, a proposta de compreender o sujeito como completo e cerceado pelo seu histórico e social, não meramente resultante das falácias da vida cotidiana (Guzzo & Lacerda, 2011,2022; Oliveira, Tizzei, Guzzo, & Silva Neto, 2014).

O autor adotou a violência como cerne de estudo, sob a ótica da vivência do campo psicossocial, no qual entende-se que, quando um processo é desigual e subjugado, nas próprias relações, se concebe a violência como operador dos processos de socialização

(Moreira e Guzzo, 2017). Em relação a esse objeto de pesquisa, Martín-Baró (1990) baseia-se no conceito já previamente discutido por Paulo Freire (2005) de situação-limite, como forma de aprofundar o conhecimento dos impactos no desenvolvimento da criança frente a situações violentas. Sendo assim, cria-se uma categoria psicológica, no qual reconhece que situações concretas e violentas refletem na relação sujeito-meio, considerando todos os fatores existentes na vida cotidiana que possam impactar o desenvolvimento do sujeito.

1.3. Projeto ECOAR: a ação do psicólogo na escola na prevenção à violência

O tópico a seguir busca elucidar sobre a Lei 13.935/19, que dispõe de psicólogos e assistentes sociais nas escolas públicas, e de como o Projeto ECOAR fez frente para que essa lei fosse aprovada e dialogada, tanto no município de Campinas, quanto nacionalmente.

A luta pelo reconhecimento da psicologia na escola é longa. Somente em 2019, depois da pressão ao poder público, foi aprovada a lei 13.935, no qual estabelece que profissionais do serviço social e psicólogos façam parte da equipe técnica da escola pública (Brasil, 2019). Porém, é importante ressaltar que a defesa não é de qualquer psicologia, mas sim, de uma comprometida ética-politicamente com a realidade brasileira.

Isso implica no *quefazer* do psicólogo, no qual, já discutia Martín-Baró (1996), deve ser comprometida na conscientização dos sujeitos, ajudando-o a superar a identidade social e pessoal alienada, transformando as condições opressivas do seu contexto. A mudança de perspectiva teórica e prática é ponto chave para o profissional que tem como horizonte o campo escolar.

Além disso, Guzzo e Ribeiro (2019), apresentam um recorte histórico de quando a psicologia passou a ser questionada por seus saberes hegemônicos. A partir de 1990, com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, o profissional de psicologia passou a ser requisitado nos espaços escolares como forma de garantia do direito da criança, porém o fazer clínico não se encaixava na realidade do chão da escola, era necessária uma outra psicologia que desse conta das demandas reais que pertenciam a esse campo.

Freire (2005), no livro *Pedagogia do Oprimido*, discutiu a importância do conceito da *práxis* quando dialogada com a educação no Brasil. Esta é compreendida como a reflexão sobre a ação, com foco em compreender o lugar, contexto e espaço em que ocorre, para assim levar à transformação da realidade, como forma de pensar na formação da humanidade. Para o autor, pensar em educação deve ser um ato político, não meramente reprodução de ideias dominantes, com o fim de uma mecanização da aprendizagem. Ao contrário, o papel do

profissional pertencente a escola é de propiciar a construção de pensamentos críticos sobre questões que cercam a vida cotidiana daquela população. Propor autonomia é romper com o mecanismo opressor que cotidianamente os sujeitos são expostos, permitindo a clarificação das reais demandas enfrentadas (Freire, 2005).

O programa “Do risco à proteção: uma intervenção preventiva na comunidade” (Guzzo, 2000) foi criado no ano de 2000, com a finalidade de intervir preventivamente nas escolas públicas e comunidade, para assim levantar indicadores de risco ao desenvolvimento de crianças e adolescentes. Para além, entender a consciência que eles têm perante suas condições de vida, expectativas e necessidades, a fim de criar projetos protetivos com a comunidade e atores escolares (Guzzo, 2000). Dele surgiram dos Projetos: Voo da Águia e ECOAR (Guzzo, Ribeiro, Meireles, Feldmann, Silva & Dias, 2019). O segundo, pensado em 2014, foi inspirado nas ideias de Paulo Freire (1979b), para desenvolver formas de enfrentamento às violências que perpassam a escola, a partir de uma perspectiva psicossocial, que une a teoria e a prática como forma de alcançar o desenvolvimento de ações preventivas de forma revolucionária e crítica. Acarreta, portanto, em um modelo de profissional para a mudança da realidade (Guzzo, 2014).

Para respaldar a ação do projeto nas escolas, este conta com quatro bases teóricas. A Psicologia Crítica Alemã de Klaus Holzkamp, voltada, principalmente a perspectiva do sujeito; a Psicologia da Libertação de Martín-Baró, com a compreensão psicossocial da violência; a concepção de desenvolvimento humano de Lev Semionovich Vigotski; e, por fim, os processos participativos de Paulo Freire (Guzzo *et al.*, 2019). É nesse sentido que, o profissional rompe com a psicologia hegemônica, a partir dos fundamentos ontológicos e teóricos, criando ações no/ para o contexto educativo.

1.4. *O conceito de suicídio e ideação suicida*

Para caracterizar o fenômeno da ideação suicida, torna-se importante adotar uma perspectiva sobre o suicídio. Berenchein Netto (2007) ressalta que, estabelecer o momento histórico e a totalidade da vida dos sujeitos, determina o sentido em que aquela sociedade concebe o suicídio. A partir desse conceito, a pessoa passa a ser impactada em sua vida cotidiana.

Durkheim (2000), alicerçado em uma visão sociológica, postula que o suicídio não deve ser considerado como causa única. Os sujeitos reverberam na inclinação ao suicídio,

inseridos em grupos sociais distintos com vínculos caracterizado pelo autor como frágeis e desamparados e relacionamentos.

Compreende-se o suicídio como um fenômeno histórico, social e culturalmente determinado, que certamente possui aspectos individuais, de ordem psíquica/subjetiva e que pode possuir, em certas ocasiões, influências de ordem orgânica/fisiológica; todavia, é fundamental ressaltar que todas estas se encontram subsumidas às determinações econômicas (Berenchtein Netto & Souza, 2015, p. 164).

Considerando o conceito aqui adotado pelo referido autor, ressalta-se que não há possibilidade de se pensar o fenômeno do suicídio sem as dimensões e mediações da sociedade e modelo econômico em que o sujeito está inserido. Marx (2006) defendeu a ideia de que o sujeito desenvolve sua subjetividade na relação do que foi produzido por seus antecessores, para basear novas produções e assim conexões entre o passado e o presente. Nesse sentido, na sociedade capitalista, o capital determina o processo da vida cotidiana. O homem é alienado em um individualismo excessivo sendo único e responsável por sua vida. Essa ideia carrega em si o conceito de livre arbítrio, responsabilizando unicamente o sujeito de suas ações e reações perante as contradições da vida.

Para Gavin Fairbairn (1999) o suicídio é um ato realizado pela própria pessoa ou por terceiros, com a intenção de concretizar a própria morte, porque quer ser morto ou morrer por uma ideia que ele mesmo idealiza. O autor também explora a ideia de que, o suicídio pode ser entendido como uma forma de comunicação, uma expressão da angústia que não pôde ser compreendida de outra maneira.

Comportamentos suicida e a ideação suicida fazem parte do fenômeno do suicídio. O primeiro é compreendido como todo o ato que tenha como norteador o fim da vida, e que inclui pensamentos, planejamento, a tentativa, e em alguns casos o suicídio consumado (Santos & Kind, 2020). Já o segundo, tem como característica o planejamento do suicídio, com o desejo de uma morte consumada (Borges & Werlang, 2006).

O Ministério da Saúde produziu um material informativo sobre prevenção ao suicídio. Segundo orientações, o reconhecimento de sinais como alterações comportamentais significativas, manifestações verbais de desesperança e expressões explícitas de intenções suicidas é fundamental para a intervenção. No texto, é caracterizado comportamentos de isolamento e fatores de vulnerabilidade, como crises financeiras, discriminação e conflitos pessoais como indicadores críticos de risco.

A *National Association of School Psychologists* (NASP), compreende o suicídio como um fenômeno complexo influenciado por múltiplos fatores psicológicos, emocionais, sociais e

ambientais. A organização defende a implementação de programas de capacitação de educadores, responsáveis e profissionais escolares na identificação de sinais de risco e na promoção de um ambiente escolar seguro. Além disso, destaca a necessidade de promover a saúde mental e o bem-estar por meio de estratégias de enfrentamento e suporte contínuo para aqueles que enfrentam crises suicidas – plano de cuidados adequado e recursos de apoio. Esta abordagem envolve tanto escola, quanto a comunidade para uma efetiva prevenção.

Diante da discussão promovida nesse eixo, ressalta-se que quando o sujeito revela a vontade de morrer, deve-se levar com seriedade independentemente da idade. Pensar em formas de ação a partir da realidade concreta, grupos sociais e sentidos que o sujeito tem sobre si e seu sofrimento, é um ponto de partida para buscar soluções que incidam nos pensamentos e ideias.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Compreender as possibilidades de ação da psicologia na escola diante da ideação suicida no Ensino Fundamental.

2.2. Objetivos específicos

- Identificar e descrever as ações realizadas pela profissional de psicologia na escola;
- Caracterizar a história de vida de estudante com ideação suicida e seus contextos de vida e relações;
- Analisar indicadores de risco ao desenvolvimento integral associados a ideação suicida.

3. MÉTODO

3.1. Fundamentos Metodológicos

A pesquisa proposta utilizou-se de três fundamentos principais, a Epistemologia Qualitativa, o Materialismo Histórico-Dialético e a Pesquisa Ação-Participação. O primeiro fundamento, parte da perspectiva da pesquisa qualitativa de cunho construtivo-interpretativo. Isso significa que há uma interpretação proveniente dos dados coletados, legitimando o singular como forma de conhecimento e atribuindo à pesquisa um caráter comunicativo social (González-Rey, 2019). Como forma de compreender as informações expressas nas relações sociais, o Materialismo Histórico-Dialético (MHD) proporcionou uma fundamentação a partir da realidade concreta, viabilizando revelar as contradições sociais, a partir da mediação sobre a ação humana. Ressalta-se a importância do contexto histórico para uma análise além do cotidiano aparente (Paulo Netto, 2011). Por fim, a Pesquisa Ação-Participação (Participatory Action Research – PAR) dialogou com a concepção do pesquisador não neutro, com foco no processo de transformação e tomada de consciência do sujeito. O ponto central é a emancipação das condições humanas com vistas a transformação social (Fals-Borda, 1987).

3.2. Contexto da Pesquisa

A pesquisa desenvolve-se em uma escola municipal de ensino fundamental, em uma cidade do estado de São Paulo. Portanto, torna-se importante contextualizar a cidade, e sua importância no território paulista.

Segundo o Censo realizado em 2022, o município de tem cerca de 1.138.309 habitantes, com densidade demográfica de 1.433,61,61 habitantes por quilômetro quadrado. Dentre as cidades do estado de São Paulo, fica entre as cinco colocadas no que diz respeito ao PIB estadual (2020).

Essa extensão territorial significativa, é dividida em seis macrorregiões, sendo que cada uma tem sua característica na infraestrutura, em recursos e acessibilidade. A região em que a escola está inserida possui aproximadamente 145 mil habitantes. Localizada em uma área de 65,64km², têm grandes pontos de complexos de atendimento à saúde. Além disso, tem o diferencial de ser próxima a rodovias estaduais importantes, e concentrar cerca de 70% dos usuários de transporte público. A região também engloba serviços de educação, assistência social e cultura.

A região é atendida por duas AR's – Administrações Regionais, sendo uma delas foco desta pesquisa. Para tal, toma-se como primordial contextualizar historicamente a formação do bairro. Nasce a partir de um movimento expansionista urbano, um dos primeiros da região, no qual visava ressignificar a cidade e suas funções, principalmente da população negra e parda, que foram expulsas da região central para regiões periféricas, dando vida ao bairro. Isso acarreta uma identidade territorial consolidada, com áreas e infraestruturas majoritariamente ocupadas por contradições, de movimentos migratórios nacionais e intrarregionais, ainda carentes de infraestrutura básica. Então, mesmo que a região esteja próxima de grandes polos estudantis e de rodovias extremamente importantes para o estado, ainda assim, carece de recursos básicos.

No que tange a educação, a Secretaria Municipal de Educação, atua de modo descentralizado por meio de cinco Núcleos de Ação Educativa Descentralizada (NAEDs), no qual são divididos de acordo com as regiões geográficas. Abarcam tanto as Escolas Municipais de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), como também Escolas Particulares e Instituições, situadas em áreas de abrangência. São dirigidos por representantes regionais, Supervisores Educacionais e Coordenadores Pedagógicos, que tem por norte assegurar a descentralização e implementação de políticas públicas educacionais, além de acompanhar e assessorar de forma participativa o

cumprimento das ações cotidianas das unidades Educacionais do Sistema Municipal de Ensino.

Orientado pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola em que a pesquisa foi feita, é importante caracterizar o ambiente. Possuía cerca de 559 estudantes, sendo 494 do ensino fundamental I e II, e 63 da EJA. No ano de 2022, foi inaugurada a Sala de Recursos Multifuncionais, para atendimento da comunidade, além de uma professora efetiva para atuar com oito estudantes matriculados que são indicados para esse atendimento. Embora a escola seja situada em uma determinada região, recebe estudantes de diversos bairros, principalmente pelo fácil acesso ao caminho do trabalho dos responsáveis, que ao se dirigir para o local deixam o filho na escola e no retorno os buscam. No entanto, no ano de 2023, houve um aumento no ingresso de estudantes do próprio bairro, impactando na participação em atividades de contraturno com a maior participação dos estudantes em atividades participativas, como Grêmios e CPA (Comissão Própria de Avaliação), devido à questão do deslocamento.

Diante das informações discorridas nesse tópico, é notório a importância que a cidade tem, principalmente economicamente, sendo uma das cidades mais ricas do país. Porém, fica claro que, uma população é beneficiada diretamente pela riqueza global, fazendo com que acarrete, diretamente, na vivência das mazelas da desigualdade da outra parte da população. A vulnerabilidade social é ponto característico desse grupo, uma das marcas de exclusão social gestada pela desigualdade escancarada.

3.3. *Instrumentos e fontes de informação*

Para esta pesquisa, foram utilizados quatro registros dos instrumentos: relatório de primeiro contato, acompanhamento individual e o mapeamento (Guzzo *et al.*, 2019). Além disso, contou com os diários de campo da psicóloga-pesquisadora com as reflexões, descrições e análises dos encontros com a estudante.

A priori, quando um estudante inicia uma conversa com a psicóloga, logo é gerado o primeiro contato, no qual descreve a demanda observada, informações colhidas para um panorama geral do estudante, e uma síntese com encaminhamentos futuros para o caso. Quando é identificada alguma situação de risco para o estudante, inicia-se o processo de acompanhamento do desenvolvimento – podendo ser em grupo ou individual. No estudo de caso feito nessa pesquisa o acompanhamento foi individual. O acompanhamento do desenvolvimento abarca uma leitura mais completa e complexa do sujeito, com a investigação dos outros contextos que o cercam como a família, escola e comunidade.

Para complementar as ações, a aplicação do mapeamento visa conhecer as especificidades dos contextos de vida do sujeito, a partir da perspectiva dos sujeitos. Nele algumas perguntas são feitas para que seja possível conhecer o estudante e seu breve histórico em dimensões identitária, socioeconômica, escolar, subjetiva e violência, resultando em 38 questões totais.

Os Diários de Campo produzidos pela psicóloga-pesquisadora, tem por característica uma produção textual a partir de ações e reflexões advindas dos encontros com os estudantes, ou com algum ator escolar. Possibilita descrever questões que emergiram e foram importantes para construir uma linha de raciocínio perante o estudante escutado (Freitas & Pereira, 2018).

3.3.1 *História de Vida*

Melinda⁴ iniciou o seu processo de acompanhamento do seu desenvolvimento integral com 13 anos de idade, entre os anos de 2022 e 2023. Os encontros foram todos presenciais, nos espaços possíveis da escola, como nas mesas perto do refeitório, salas de guardar materiais, quadra, sala de arte e no pátio. A duração das conversas dependia do conteúdo abordado, variando entre 30 minutos a 60 minutos. A história de vida relatada a seguir é contada exclusivamente pela estudante. Conforme o vínculo com a profissional de psicologia foi se solidificando, as minúcias da vida cotidiana começaram a ser revelada de tomar forma.

A primeira conversa ocorreu por demanda espontânea com uma mensagem enviada pela estudante pedindo uma conversa com a profissional de psicologia. Nesse encontro chorou bastante referindo “*cansaço dos pensamentos e situações cotidianas que envolviam*”, principalmente, seus relacionamentos. Para lidar com isso, fazia uso de medicamentos para gripe, resfriado e dores como forma de lidar com as situações. Logo de início manifestou que a “*morte era uma possibilidade em sua vida, mas a preocupação com o outro era maior*”. O ato da autolesão nas pernas e braços era presente.

Residia em uma casa alugada junto da mãe, a tia e o avô. A localização era periférica, próximo a escola. Eram seis cômodos, incluindo sala, banheiro, cozinha e quartos, sendo o último um para a mãe, outro para a tia e o avô dormia na sala. Até pouco tempo atrás Melinda dormia com a mãe, porém sentiu a necessidade de ter sua privacidade e pediu para dormir sozinha – não foi uma ideia bem recebida pela mãe.

No relacionamento com a família extensa a relação foi enfraquecida após uma discussão entre eles, a mãe e a tia. Isso gerou um forte discurso da desconfiança de tudo e

⁴ Nome fictício atribuído pela pesquisadora.

todos, e no aconselhamento da mãe e da tia de “*evitar criar laços para além da família*”. Os conflitos entre mãe e tia eram frequentes, pela questão financeira e pelo uso de álcool cotidianamente. A mãe já enfrentou um tratamento de câncer de mama e não poderia estar ingerindo essa quantidade de bebida segundo os médicos – uma preocupação para a estudante. O avô causava um mal-estar em Melinda por presenciar falta de respeito dele com elas e de comportamentos vistos como anti-higiênicos como urinar no ambiente externo da casa e pegar comida direto da panela ou alimentos ditos como nojentos – feijão já estragado.

Por conviver mais com a tia, pelas questões de horários de trabalho da mãe, Melinda a escutava falar sobre os problemas que enfrentava. Pelo tom de exclusão nas vivências contadas, Melinda se identificava com ela e passava a compartilhar o cigarro oferecido como forma de acalmar os pensamentos. Para além do cigarro, durante esses diálogos ingeriam bebidas alcoólicas. O acordo estabelecido entre elas era de que mãe não deveria saber desses comportamentos, visto que não concorda com o cigarro.

O desejo do acolhimento da mãe era muito sentido por Melinda. Em uma das situações compartilhadas, contou que ao perceber os cortes nos braços, a mãe pediu para que se “*matasse logo*”. Outros momentos referia uma cobrança para a perfeição, como a limpeza da casa, e quando o erro ocorria “*a punição era o silêncio e o ignorar*”. A orientação que recebia da mãe era de “*não demonstrar fraqueza*”, referindo que precisava estar bem para que o outro “*tirasse o melhor de si*”.

Já na escola Melinda tinha um namorado que perdurou ao longo do processo completo do acompanhamento. Estavam na mesma sala, convivendo cotidianamente. Os amigos eram desse mesmo ciclo, vindos da amizade com o namorado. Por isso, em alguns momentos se sentia sozinha mesmo rodeada de pessoas, como se estivesse vestindo uma “*máscara para ser legal e divertida*”. Discussões aconteciam, por ciúmes ou divergências de opiniões, com uma delas gerando um corte de cabelo em um momento de raiva. Era constante o pedido do namorado para que ela diminuísse a ingestão de medicamentos e cessasse o uso de cigarros e bebidas.

O uso das drogas (medicamentos, álcool e cigarro) era contado como forma de “*adormecer os pensamentos e lidar com as questões que causavam desconforto, principalmente na escola – somente por colocar na boca o medicamento já sentia diferença em seu estado de humor*”. Em períodos de recesso escolar o uso se restringia ao álcool e cigarro, mas com um enfoque social com a mãe e tia.

As possibilidades de lidar com esses pensamentos e cansaço também incluíam a ideia suicida. “*Desde os 10 anos já tinha planejado sua morte, mas que reprime pelo*

apego que tem pela mãe, tia e o namorado”. Para além, a decisão era que após a morte da mãe e da tia ela morreria logo em seguida. Em uma atividade com foco no sentimento da raiva, ações como puxar os cabelos, dar socos em sua cabeça e um choro engasgado faziam-se presente. *“A morte como o parar de sentir.”*

No final do ano, depois do processo de conversas e reflexões, uma atividade foi proposta para que contasse como estava se percebendo. Melinda fez o desenho de duas máscaras (Anexo 1), com alusão ao seu processo. Ambas conviviam em sua cabeça. A primeira é representada com a palavra *“free”*, com possibilidades de pensar sobre seus sentimentos e incômodos, encarando-os e não evitando. A segunda máscara nomeou como *“pressão”*, representando os pensamentos que a sabotam, que ela conviveu ao longo da vida. Enquanto a primeira foi representada com cores mais vivas, de olhos abertos e com antenas, a segunda ela usou tons mais terrosos, com lágrimas, uma feição séria e opaca. Significou essas representações como parte do entendimento que *“as coisas não irão mudar completamente, mas que ter objetivos e pessoas para se importar aumentam sua vontade de ser e estar no mundo”*.

Para o futuro, representa uma casa no campo para quando não estiver bem. A companhia do namorado é incluída. Pensa em uma profissão voltada para o cuidado, com vistas à psicologia ou enfermagem.

3.4. *Procedimentos para obtenção das informações*

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com o desenho de um estudo de caso e análise documental. A análise documental envolve a avaliação crítica de documentos escritos para extrair e interpretar informações relevantes. Esse processo inicia-se com a seleção de documentos baseados em critérios de pertinência, credibilidade e representatividade, e pode incluir arquivos públicos, documentos privados e pessoais (Cellard, 2012).

O Estudo de Caso é compreendido como uma possibilidade de investigação empírica, que, a partir de documentos produzidos, propiciaram a descrição do fenômeno no qual essa pesquisa se debruça, dentro do contexto escolar (Yin, 2001). Para Ventura (2007), a escolha desse meio de pesquisa traz o benefício de explorar casos excepcionais ou extremos para mais ampla compreensão dos processos, a partir de teorias e pressupostos.

Além disso, com este procedimento houve uma intensa exploração, na qual, segundo Gil (1995), se desdobra em quatro fases para o seu delineamento: a primeira seria a escolha dos casos a serem estudados; a segunda a busca de informações sobre os casos; a terceira a seleção, análise e interpretação das informações; e por fim, a produção do trabalho como um

todo. Corroborando com essa ideia, André (2013) exemplifica com maior clareza as fases de análise das informações, divididas por passos: (1) organizar o material coletado em ordem cronológica e em diferentes arquivos; (2) a incessante leitura e releitura de todo o material, com foco na identificação dos pontos relevantes, para assim iniciar a construção das categorias analíticas; (3) a codificação de palavras ou frases em destaques para distinguir temas significativos que emergiram desta busca; (4) o resultado do conjunto inicial de categorias que serão analisadas e modificadas no momento posterior, quando semelhantes serão agrupados e pontos de destaques separados, para ocorrer novas combinações ou mesmo desmembramentos.

Cabe ressaltar que, na fase de categorização, o pesquisador tem que ir além da mera descrição (André, 2013). Naturalmente, por ser um estudo de caso o roteiro não pode ser rígido, inferindo limitações como a escolha dos casos, podendo ser bastante atípica e não dar margem para generalizações, acarretando diretamente nos resultados da pesquisa. Por essa razão, por mais que pareça simples, esse tipo de pesquisa exige do pesquisador cautela e atenção nos critérios de inclusão/ exclusão e análise (Ventura, 2007).

Foi selecionado o caso de uma estudante do ensino fundamental II que, ao longo do processo de acompanhamento do desenvolvimento, apresentou a ideação suicida como possibilidade de ação em conversas. Incluí, portanto, a ideia da morte pelo suicídio de forma direto ou indireta - planos, ideias, fantasias. Além das conversas, o mapeamento trouxe uma amplitude do que a estudante percebia nas dimensões de sua vida.

Durante todo o processo de acompanhamento, foi produzido diários de campo sobre as ações e reflexões trabalhadas no espaço escolar. Também, conversas e devolutivas da equipe escolar.

3.5. Considerações Éticas

A psicóloga-pesquisadora fazia parte do cotidiano escolar através do Projeto ECOAR, no acompanhamento do desenvolvimento dos estudantes com vistas para a prevenção e enfrentamento à violência. O caso escolhido para ser estudado nessa pesquisa, partiu de uma ação da pesquisadora enquanto profissional de psicologia na escola. A pesquisa não aconteceu concomitantemente ao acompanhamento, por isso foi necessário a autorização da organizadora do projeto para o uso dos do material.

A Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), Lei nº 13.709/2018 respaldou o sujeito estudado nesse caso, no sentido de proteger os dados em seus direitos fundamentais de

liberdade e privacidade. Ao encontro, o Código de Ética Profissional da Psicóloga (Resolução CFP nº 010/05), mais especificamente o artigo 16º que dispõe da realização de pesquisas. Por isso, os nomes citados ao longo da pesquisa foram fictícios.

4. RESULTADOS

4.1. Plano para Análise

A pesquisadora utilizou os documentos produzidos ao longo da ação com a estudante para contemplar uma análise completa para o estudo de caso. Nele foram usados os documentos de diários de campo referentes aos anos de 2022 a 2023, relatórios de primeiro contato e acompanhamento e o mapeamento para acessar as dimensões da vida cotidiana.

Desses materiais foram extraídos trechos que a estudante contava sobre sua vida, perpassando as angústias e significados de cada momento, para assim criar categorias a partir do que ela falava sobre si. Para além, os outros documentos ajudaram no contar da história da estudante situando de que lugar sua fala acontece, da realidade em que está inserida.

A interpretação foi apoiada no modelo construtivo-interpretativo de González-Rey (2019), a partir dos resultados colhidos pelos instrumentos e fontes de informações. A primeira etapa foi a organização dos materiais, separando as informações disponíveis nos mapeamentos e a seleção dos trechos dos diários de campo. Em seguida, uma leitura minuciosa dos documentos foi feita para o levantamento da história de vida, assim como o compilado destas informações para compreensão do sujeito como um todo. Logo após, a partir dos trechos destacados, foi realizada uma codificação de cada um para sintetizar em categorias de sentido. Essas configurações de sentido foram analisadas por meio do *software* do *Atlas ti* para gerar indicadores de risco.

Uma análise foi feita frente as ações da profissional de psicologia descrita nos documentos, com a finalidade de elencar possibilidade e desafios do acompanhamento de estudantes que apresentem esse fenômeno dentro da escola. Além disso, estabelecer no concreto ações buscando aprofundar, para além do que é revelado, um alinhamento histórico-cultural, modelo no qual a pesquisa se ampara.

4.2. *Análise dos Resultados*

Os documentos analisados foram produzidos na ação da psicóloga na escola, entre os anos de 2022 e 2023, anteriores ao início dessa pesquisa. Ao total, 17 diários de campo compuseram esse estudo, com um relatório de primeiro contato e outro de acompanhamento do desenvolvimento integral e um documento do instrumento de mapeamento.

No que tange ao mapeamento, as dimensões contempladas foram: identitária, sociodemográfica, escolar, internet, familiar e subjetiva. Melinda se identificou como parda, não praticante de nenhuma religião. Morava com a mãe, a tia e o avô, contando ter uma relação com muita discussão entre eles. As ocupações de cada um eram garçoneiro, diarista e aposentado, respectivamente. Recebiam benefício do bolsa família para completar a renda. O uso do celular em casa não era acompanhado, utilizando mais de oito horas. Para a escola conseguia se deslocar a pé, junto com alguns colegas. Era estudante há mais de quatro anos, com três primos também matriculados.

Na dimensão subjetiva do instrumento, referiu que a única parte que gostava nela era a boca, e o que não gostava era cabelo, olhos, pele, nariz, corpo, jeito e mãos. Quando perguntado se tomava remédio todos os dias assinalou que sim, nomeando-os: anticoncepcional (para espinhas), paracetamol, Neosaldina e cimegripe (para se sentir bem).

Entendia a violência como o bater, exemplificando uma situação que presenciou o pai bater na mãe e, alguns anos depois, na madrasta. O sentimento da primeira vez foi a estranheza, porém depois ficou cotidiano/ normal para ela. A relação com o pai era distante, por ele ter uma segunda família e optado pela não convivência com Melinda. Ademais, referiu não ter praticado nenhuma violência com o outro, somente contra si (autolesão).

Pelas leituras dos diários de campo foram extraídas 110 citações do que Melinda contava sobre si e sua vida cotidiana (Anexo 3). A partir disso, cada excerto foi codificado com um indicador de sentido que representava o evento descrito nos documentos. Com base nessas indicações, foram estabelecidas doze categorias. Em seguida, todos os indicadores foram associados às suas respectivas categorias, sendo possível ao final realizar o cálculo de frequência de cada categoria e suas coocorrências (*Atlas ti.*).

As categorias pensadas para o estudo do caso foram: Desejo de ajuda – quando havia a verbalização ou ações que indicassem um pedido de ajuda; Dinâmica familiar – situações que caracterizavam o relacionamento entre a mãe, a tia e o avô; Desejo do acolhimento da mãe – vontade de ter o cuidado da mãe; Contexto vulnerabilizado – ambientes em que oferecem risco e/ou desconforto para ela; Rede de apoio – pessoas e lugares que promovem uma segurança e acolhimento; Preocupação com o outro; Consciência do processo – percepções de

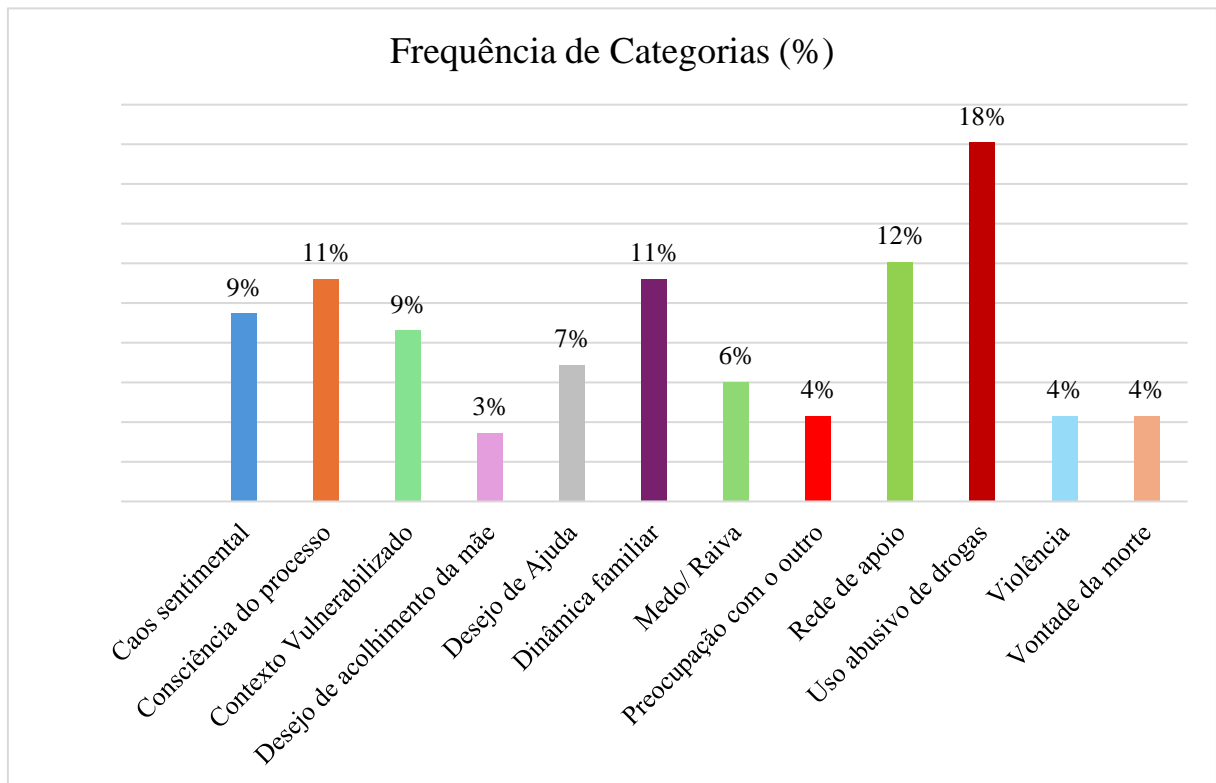
situações cotidianas e perspectiva para o futuro; Vontade da morte – verbalização do desejo de pôr fim a sua vida; Uso abusivo de drogas – situações que envolviam o consumo de remédios, bebidas alcoólicas e cigarro; Violência – contra si e o outro; Medo/ Raiva – situações em que era possível identificar expressão de medo e raiva; Caos sentimental – confusão revestida de uma dualidade do sentir e não sentir, uma dificuldade de expressar (Anexo 2).

Após a análise dos códigos e categorias, utilizamos o *software Atlas.ti.* para facilitar a visibilidade das informações e o estabelecimento de uma análise sistemática. É dever dos pesquisadores inserirem todas as informações necessárias, para assim gerar uma sistematização dos dados colhidos durante a pesquisa (Walter & Bach, 2015).

Para a utilização do *software* baixamos todos os diários de campo, grifando as citações antes selecionadas, segmentos da informação que representam uma categoria. Oferece-se também a possibilidade de realizar notas e comentários nos destaques, a fim de construir inferências ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Ao final, foram gerados esquemas gráficos com a sistematização do trabalho, possibilitando uma análise mais profunda e esclarecida (Walter & Bach, 2015).

Nos gráficos abaixo é possível acessar o número de vezes que cada categoria apareceu durante a leitura dos diários de campo, bem como a sua porcentagem. A exposição inicialmente é das ocorrências durante os dois anos de acompanhamento, seguido delas separadamente.

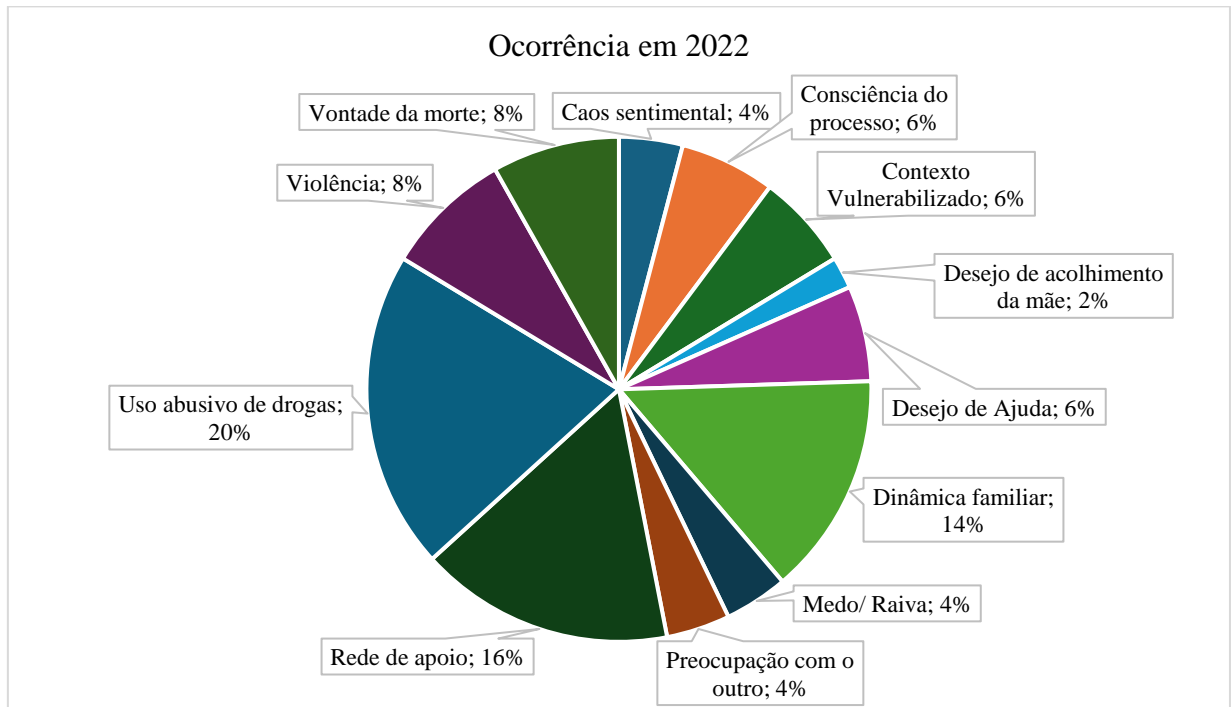
Figura 1: Gráfico referente as porcentagens de ocorrência das categorias



Fonte: *Atlas.ti*

Conforme exposto na Figura 1, das doze categorias pensadas a que mais tem destaque é o Uso abusivo de drogas com 18%. Entendendo que drogas nesse caso abarcam uso de medicamentos para gripe e dores, além do álcool e cigarro. Ademais, as categorias de Rede de apoio, Dinâmica familiar e Consciência do processo tiveram frequência entre 11% e 12%. E, por fim, Caos sentimental e Contexto vulnerabilizado com 9%. As categorias Medo/ Raiva, Preocupação com o outro, Violência, Vontade da morte e Desejo do acolhimento da mãe ficaram entre 6% e 4%. Essas ocorrências dizem respeito aos dois anos de acompanhamento de Melinda.

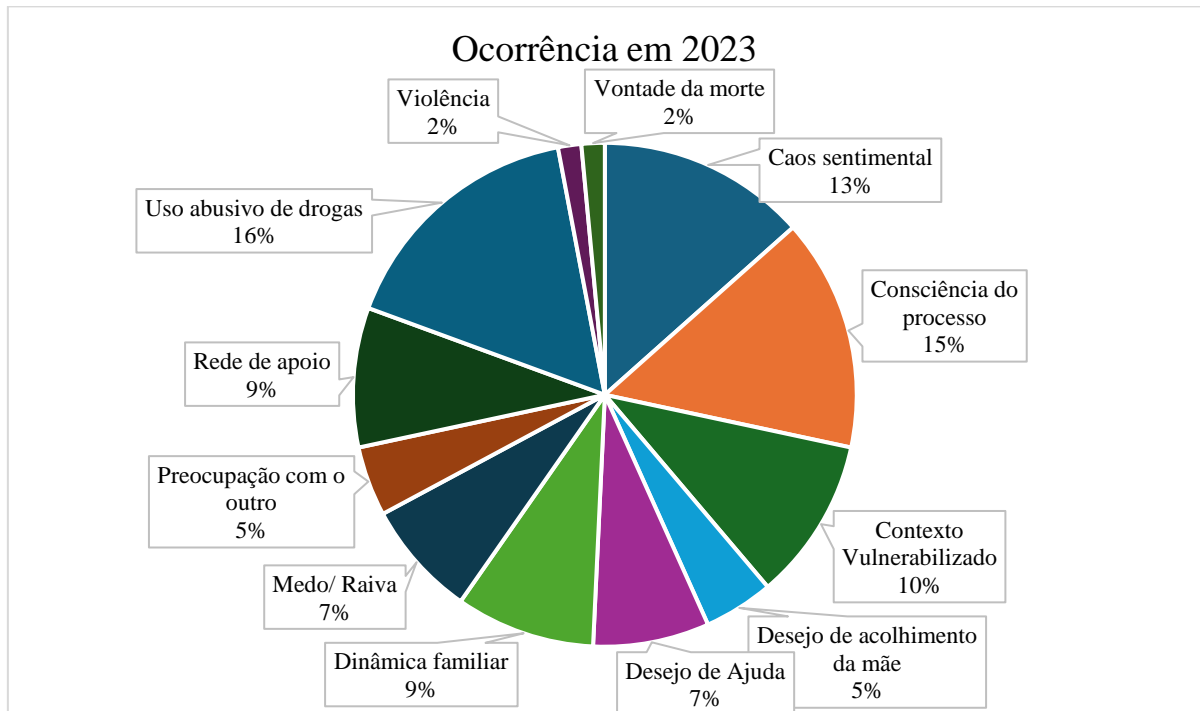
Figura 2: Gráfico referente as porcentagens de ocorrência das categorias em 2022



Fonte: *Atlais.ti*.

Quando analisadas as frequências de forma isolada pelo ano, as categorias se destacam diferentemente. Na figura 2, observa-se que o contar sobre si de Melinda perpassou majoritariamente situações que envolveram a dinâmica familiar (14%), a rede de apoio (16%) e o uso abusivo de drogas (20%). A violência e a vontade da morte tiveram sua relevância com 8% cada uma. Em contrapartida, pouco se destacou sobre o caos sentimental (4%), medo/ raiva (4%), preocupação com o outro (4%), desejo do acolhimento da mãe (2%) e a consciência do processo (6%).

Figura 3: Gráfico referente as porcentagens de ocorrência das categorias em 2023



Fonte: *Atlas.ti*.

Já em 2023, durante o acompanhamento do desenvolvimento de Melinda algumas temáticas tiveram destaque em sua vida cotidiana (Figura 3). As categorias de Consciência do processo (15%) e Uso abusivo de drogas (16%) foram as com maior frequência no todo. Seguidas das categorias de Caos sentimental (13%) e Contexto vulnerabilizado (10%). Com menor frequência repercutiram as categorias de Rede de apoio (9%), Dinâmica familiar (9%), Desejo de ajuda (7%) e Medo/ Raiva (7%), Desejo do acolhimento da mãe (5%) e Preocupação com o outro (5%).

Por fim, a tabela abaixo representa as coocorrências das categorias. Quanto mais próximo de 1 maior a relação e, quanto mais próximo de 0,00, menor. A tabela abaixo exemplifica através das cores as associações, sendo os pintados de verde menor e de laranja maior (Walter & Bach, 2015).

Figura 4: Tabela referente as coocorrências das categorias pelo *software Atlas.ti*

	Caos sentimental	Consciência do processo	Contexto vulnerável	Desejo de acolhimento da mãe	Desejo de ajuda	Dinâmica familiar	Medo/ Raiva	Preocupação com o outro	Rede de apoio	Uso abusivo de drogas	Violência	Vontade da morte
Caos sentimental	.	1 - 0,04	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	1 - 0,07	n/a	n/a	n/a	1 - 0,07
Consciência do processo	1 - 0,04	.	n/a	n/a	n/a	n/a	1 - 0,05	n/a	3 - 0,13	n/a	n/a	n/a
Contexto vulnerabilizado	n/a	n/a	.	1 - 0,08	n/a	4 - 0,21	n/a	n/a	n/a	3 - 0,11	n/a	n/a
Desejo de acolhimento da mãe	n/a	n/a	1 - 0,08	.	n/a	1 - 0,06	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a
Desejo de ajuda	n/a	n/a	n/a	n/a	.	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	1 - 0,08	n/a
Dinâmica familiar	n/a	n/a	4 - 0,21	1 - 0,06	n/a	.	n/a	n/a	n/a	2 - 0,06	n/a	n/a
Medo/ Raiva	n/a	1 - 0,05	n/a	n/a	n/a	n/a	.	n/a	n/a	1 - 0,04	1 - 0,09	1 - 0,09
Preocupação com o outro	1 - 0,07	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	.	2 - 0,12	n/a	n/a	n/a
Rede de apoio	n/a	3 - 0,13	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	2 - 0,12	.	1 - 0,03	n/a	1 - 0,06
Uso abusivo de drogas	n/a	n/a	3 - 0,11	n/a	n/a	2 - 0,06	1 - 0,04	n/a	1 - 0,03	.	n/a	2 - 0,08
Violência	n/a	n/a	n/a	n/a	1 - 0,08	n/a	1 - 0,09	n/a	n/a	n/a	.	n/a
Vontade da morte	1 - 0,07	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	1 - 0,09	n/a	1 - 0,06	2 - 0,08	n/a	.

Fonte: *Atlas.ti*.

De acordo com os dados obtidos com o cruzamento das categorias, 16 coocorrências foram identificadas. As que mais chamam a atenção foram: I) “Consciência do Processo” e “Rede de Apoio”; II) “Contexto Vulnerabilizado” e “Uso abusivo de drogas;” III) “Contexto Vulnerabilizado” e “Dinâmica Familiar”; IV) “Preocupação com o outro” e “Rede de apoio”.

Diante dos resultados descritos nesse tópico, foi possível revelar os dados obtidos a partir dos instrumentos utilizados. A seguir, uma discussão será feita, com o objetivo de esmiuçar para além do que os dados expõem.

5. DISCUSSÃO

Quando usamos o termo acompanhamento individual do desenvolvimento, assumimos que há um distanciamento da compreensão sobre o processo de atendimento clínico. Envolve situações da vida cotidiana de Melinda em seus diferentes contextos, com foco em construir estratégias de ressignificação e fortalecimento dessas vivências. A perspectiva do sujeito na sua totalidade de vida.

Partindo do pressuposto de Vigotski (2001/ 2018) o sujeito antes de ser individual ele é essencialmente social. Isso quer dizer que, Melinda em sua relação com a cultura e momento histórico, moldou sua subjetividade nessa relação sujeito-mundo, ao passo que criou sentidos singulares para ela.

A violência foi um importante indicador no desenvolvimento desse estudo de caso como um operador dos processos de socialização (Moreira e Guzzo, 2017) de Melinda, com valores que negavam a si mesma. Quando observado na história de vida, diversas violências foram sendo percebidas: o distanciamento da mãe; a quebra de vínculo com a família externa; a identificação com a tia na exclusão; o silêncio como forma de punição, a orientação de que “...a única amizade que ela (Melinda) pode ter é com a mãe, que o resto não valia a pena, que quanto mais ela não criar esse tipo de relação melhor será para ela” (DC28/2022) e presenciar o pai bater em sua mãe e mais adiante na madrasta.

É fundamental não descontextualizar a realidade concreta do caso. Melinda foi criada por uma família de mulheres, trabalhadoras, e que, abertamente revelavam os desconfortos que enfrentavam na vida. Com empregos não-formais, que não ofereciam estabilidade financeira, acabaram por trabalhar e vivenciar desafios de uma sociedade estruturada por homens, no patriarcado, com famílias ditas como tradicionais (homem, mulher e filho). Aqui, o sofrimento se expressa pelas relações de poder, termo cunhado por Bader-Sawaia (1999) como sofrimento ético-político.

Nessa dialética inclusão-exclusão, tanto Melinda quanto suas tias são incluídas na sociedade para excluí-las, reafirmando a manutenção da dependência do sistema. Isso se expressa nas coocorrências mais relevantes (0,21) de “contexto vulnerabilizado” e “dinâmica familiar”. Ao passo que a violência é sentida, as formas de lidar com ela atravessam sentidos e significados de Melinda. Quando estava triste ou desconfortável com alguma coisa “... a mãe e a tia a orientavam a sempre sorrir quando está mal” (DC21 / 2022) que é reflexo do que é posto socialmente de uma mulher forte e que responde de forma positiva às situações da vida. Além disso, há a expectativa de perfeição colocada pela mãe e pela tia, punindo-a

quando não supre essa expectativa (“...sua tia e sua mãe esperam que ela seja sempre perfeita” DC44/2022; (quando erra elas (mãe e a tia) a punem, fazendo silêncio, a ignorando e não auxiliando-a nos seus dias mais difíceis DC44/2022).

Aqui, não queremos trabalhar com a dualidade bom-ruim e sim apontar que, os comportamentos são produzidos na relação sujeito-sociedade.

Percebe-se que os valores sociais implicados no que é ser uma mulher forte foram tão intrinsecamente postos que, ao invés de dialogarem sobre o que sentem, o uso de bebidas alcoólicas, tabaco e medicamentos surgem para silenciar todas as violências cotidianas. Não é por acaso que as coocorrências de “contexto vulnerabilizado” e “uso abusivo de drogas” (0,11) se destacaram. A lógica medicalizante dos comportamentos que fogem do esperado socialmente, funda-se, não somente na sobrevivência biológica, mas também social (Szasz, 1979). Reproduz comportamentos imediatistas para lidar com as situações que fogem ao controle, entorpecendo os sentidos de tal forma que, momentaneamente, não é necessário dizer. (“relatou que a mãe está fazendo uso de álcool todos os dias como forma de lidar com os problemas diários, que inclui o avô que mora com elas e não tem uma relação amigável com nenhuma das três” DC 04/ 2023).

A vivência com o avô era retratada por Melinda como uma relação desagradável (“tratando a mãe, a tia e ela com indiferença, tornando o espaço, ou melhor, a casa desagradável de estar” DC 20/ 2022). Um sofrimento que transpareceu pela falta de carinho que existia nessa relação, chegando a desejar a morte do avô para não ter que lidar mais com as brigas e o desprezo dentro de casa.

O uso de álcool, cigarro e medicamentos por Melinda foi uma das grandes temáticas durante o período de acompanhamento. Tanto em casa, quanto na escola, sentia a necessidade diária de ingerir determinada quantidade de medicamentos e tomar doses de bebidas alcoólicas. A medicalização da vida nesse caso vem para suprir essa expectativa do ser ideal, em uma função social e histórica do que foi aprendido como correta. Como forma de resumir as dores de origem social e cultural em exclusivamente biológica, ela faz o uso do álcool e medicamentos na tentativa de controlar as sensações, “logo que eu já coloco na boca vem a sensação de estar melhor” (DC28/ 2022).

Amparado no conceito de saúde difundido pela OMS (1946), está relacionada a um estado de bem-estar físico, mental e social e não somente como ausência de doença. Este conceito, mesmo que abarque outras dimensões da vida, reforça a ideia de completude do bem viver. Do ponto de vista social, a ideia de que para estar bem, é preciso saber lidar com todas as minúcias da vida cotidiana. Melinda reproduz o princípio da sociedade atual, o que é

“anormal” precisa ser medicado ou entorpecido porque a realidade torna-se dura demais para ser sentida. O incentivo é “o não sentir, sobre vestir máscaras para não transparecer que algo realmente nos afeta” (DC21/ 2023). Assim, ela concebe que na balança é melhor responder com o que se espera dela, do que agir frente ao que não agrada ou não concorda.

Isso reflete em como as pessoas a percebiam. Em uma das reuniões que os professores discutem os conceitos/ notas que darão para cada estudantes da escola, Melinda era vista como uma estudante exemplar. Entendendo que, aquele estudante que não chama atenção com comportamentos vistos como negativo, é compreendido como um estudante modelo. A forma em que Melinda lidava com as situações na escola e dentro de casa era conhecida somente por Antônio⁵, seu namorado, mesmo que, superficialmente, tinha noção dos comportamentos de uso abusivo de drogas; tornou-se uma rede de apoio, “prometeu a Antônio que diminuiria o consumo de remédios, bebidas e cigarro” (DC 40/ 2022).

As coocorrências “rede de apoio” e “preocupação com o outro” (0,11) estão intimamente ligadas com as relações que Melinda estabeleceu com o outro. Formou-se e se entendeu como indivíduo enraizado em determinada cultura, sociedade e momento histórico. Pelas situações e sentidos singulares que atribuiu em sua realidade concreta, Melinda toma o ato de cuidar como fonte principal de atenção. Sua rede de apoio é composta pela mãe, a tia e o namorado. O medo do abandono e receio de que “sem Antônio ela ficaria igual a mãe e a tia, sozinhas” (DC 18/ 2023) elevou os comportamentos de não incomodar o outro com suas dores. A contradição é um ponto característico nessas relações. Enquanto nutre essa segurança com esses sujeitos, teme a desistência caso algo os desagrade. Verbaliza que um dos fatores para a não consumação do suicídio são os outros: “em sua fala carrega que só não pensa mais em se matar porque se preocupa com o outro” (DC 21/ 2022).

O código “rede de apoio” também apresentou coocorrências com “consciência do processo” (0,13). Como consciência assumimos a perspectiva discutida por Paulo Freire (2015), ou seja, a presentificação do objeto reconhecendo sua existência. Importante ressaltar que em 2022, 16% das ocorrências foram em relação à rede de apoio e 6% de consciência do processo. Em 2023, houve uma inversão, sendo 9% de rede de apoio e 15% de consciência do processo. Ambas as categorias se entrelaçaram durante o acompanhamento de Melinda, e tanto a família quanto a escola fizeram parte dessa rede de apoio.

“Constatou que ela é o que é hoje por todas as pessoas que passaram pela sua vida e a fizeram vestir uma máscara diferente, agir conforme as pessoas esperam, sendo um traço

⁵ Nome fictício atribuído pela pesquisadora.

muito presente em todas as suas relações” (DC 40/ 2022). Nesse trecho Melinda pontua a percepção que por meio de das relações estabelecidas comportou-se vestindo “máscaras” do que a pessoa esperava dela, uma boa estudante, uma boa namorada, uma boa amiga. O sofrimento desta consciência incomodou, de tal forma, que urgiu a necessidade de “ser eu mesma” (DC 04/2023). Desloca-se a ideia de individualismo e culpabilização de si sobre o que sente e age.

No início sua rede de apoio era tida como cuidado, com uma necessidade de responder de forma esperado pelo outro. Com o processo de tomada de consciência da solidão que sentia e das vontades que negava a si, a raiva e o medo começaram a aparecer com mais potência nas conversas – mesmo com coocorrências baixa, ainda assim é importante ressaltar que a consciência do processo se relaciona com o código de medo e raiva (0,05), reconhecendo assim os sentimentos que sempre existiam, mas eram negados “o sentimento da traição... a estudante entrou em uma crise de raiva e começou a puxar o cabelo e se dar socos enquanto chorava” (DC44/ 2022).

Conforme as conversas aconteciam, o pensar sobre as possibilidades de ação no futuro começaram a tomar forma. Por meio das atividades com a profissional de psicologia, que incluíam cartas, desenhos e diário das emoções, Melinda exercitou o pensar sobre si e as situações que não a agradavam, ou fugiam do seu controle. Reconheceu-se como agente da sua história, “se sentiu estranha em desejar coisas para si, mas que ao mesmo tempo foi bom, uma experiência interessante segundo ela” (DC38/ 2023) e “... reconhece que se isola quando não está confortável com algo” (DC 37/ 2023).

No último encontro, a proposta foi de conversar sobre os sentidos que Melinda atribuía para seu processo. Quem melhor do que ela para falar sobre o seu desenvolvimento? O desenho (Anexo 1) descreve a dualidade das duas percepções, que por meio da reflexão-ação-reflexão, ressignificou comportamentos e pensamentos ao longo do processo. Os comportamentos antes aprendidos como corretos socialmente deram lugar a comportamentos de olhar para si e a realidade que se apresenta. Encarar a história de vida de Melinda não como um transtorno psíquico e sim como a expressão das contradições e restrições reais, foi fundamental para a amplitude de enxergar o sujeito como uma totalidade, inserido em um momento histórico e social presente. Deslumbrar a ideia do fenômeno da ideação suicida somente por um cunho biológico, ignorando ou minimizando agentes sociais e psicológicos, é aceitar uma ideologia hegemônica de centrar todas os problemas sociais no sujeito.

Portanto, quando o código de “vontade da morte” indica coocorrências não tão presentes, não significa que essa vontade não existiu, mas que tudo é atravessado pelas

minúcias da vida cotidiana. Tanto que as coocorrências de “caos sentimental” (0,07), “medo e raiva” (0,09), “rede de apoio” (0,06) e “uso abusivo de drogas” (0,08) são indicadores para pensar sobre a ideação suicida nesse estudo de caso. A totalidade de Melinda está na realidade concreta, nas relações que estabelece, em como se percebe, nos comportamentos de lidar com as frustrações com o uso de álcool, cigarro e medicamentos, da sua rede de suporte também ser um contexto vulnerabilizado e do modo em que pede socorro em pequenas atitudes. São inúmeras determinações que se apresentam para além do fenômeno em si.

Importante destacar o quanto o vínculo e a confiança foram essenciais para que o acompanhamento do desenvolvimento de Melinda avançasse à consciência: “falou sobre a importância de eu não ter desistido dela, de ter estado ao seu lado mesmo em momentos que ela estava desconfiada” (DC 38/ 2023). Martín-Baró (1996) defende que o papel do psicólogo é estar inserido na realidade concreta do sujeito e ter como norte principal a transformação social pela superação da alienação social e pessoal. Nesse sentido, a psicologia escolar teve um papel de rede de apoio para que essa mudança acontecesse. A partir de uma perspectiva que coloca o estudante como potência de ação e agente do seu desenvolvimento, assegura a sensação de um acolhimento na escuta e segurança no processo “disse que ela agora se sente mais segura e confortável para pensar sobre seus sentimentos, e não mais empurrá-los e ignorá-los” (DC 38/ 2023). Parte da ideia de que o sujeito é integral, bem como o seu desenvolvimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como bem-posto durante a escrita dessa dissertação, o fenômeno da ideação suicida não pode ser estudado ou trabalhado sem uma perspectiva multideterminante e psicossocial. Isso quer dizer que, aprofundar-se nas dimensões de vida, partindo da perspectiva do próprio sujeito, possibilita uma visão integral do sofrimento para além do que ele pode aparentar.

Para tal, a perspectiva adotada de sujeito biopsicossocial implica na superação da alienação a partir da práxis. Não adiantaria pensar sobre o processo de desenvolvimento de Melinda unicamente pelo seu “terreno psíquico” (Holzkamp, 2018), seria consentir com a psicologia hegemônica e reproduzir a culpabilização do sujeito pelo que sente e expressa. Durante a escrita, nos deparamos com as determinações sociais, econômicas e estruturais da história de vida de Melinda, do quanto as suas relações implicam na dialética inclusão-exclusão, no sentimento de não pertencimento aos ambientes em que estava inserida, além das violências vivenciadas.

Diante do fenômeno da ideação suicida, três leis são importantes de serem mencionadas. As duas primeiras foram sancionadas em 2019: a Política Nacional do Combate a Automutilação⁶ e Suicídio (lei 13.819) e a Política de Inserção de Psicólogos e Assistentes Sociais nas Redes Públicas de Ensino Básico (lei 13.935). A terceira lei sancionada em 2024, institui a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares (14.819). Essas leis defendem a noção de um trabalho intersetorial, com profissionais da saúde, educação e assistência – cada um dialogando a partir da sua área de atuação.

No caso de Melinda, é possível refletir sobre a potência do profissional de psicologia dentro da escola. A formação qualificada, voltada ao ambiente escolar, faz a diferença quando assumimos que para trabalhar na escola é necessário fazer parte dela cotidianamente. É competência desse profissional acessar as realidades do sujeito, possibilitando ações de reflexão para o avanço da consciência. As estratégias no processo com Melinda foram: construir um diário das emoções para materializar as situações; a ilustração do livro emocionário para trabalhar a raiva; o incentivo à escrita; e ações em contraturno como almoçar com ela para conversar sobre alimentação. Todas estas estratégias só fizeram sentido porque foram pensadas e inseridas no contexto escolar, e mesmo que algumas extrapolavam para outros contextos, ainda assim o trabalho continuava sendo na escola. Tal qual Martín-Baró (1996) defendia o quefazer do psicólogo, as conversas giravam entorno da conscientização e não culpabilização do que Melinda sentia e vivenciava, zelando pelo direito de se desenvolver, para além dos estigmas do sofrimento que se apresenta.

Os indicadores que surgiram nesse estudo de caso, mesmo que subjetivos, como preocupação com o outro ou medo/ raiva, ainda assim são construções das relações estabelecidas com todos que compõem sua vida. Nesse caso, os indicadores revelam contradições presentes na vida de uma menina de quatorze anos, que reproduz a alienação.

Duas grandes contradições são importantes de serem destacadas. A primeira é da sua rede de apoio, que ao mesmo tempo que cuida também a deixa vulnerabilizada. E a segunda, o uso de medicamento como forma de lidar com as violências simbólicas que com uma diminuição considerável no final do processo de acompanhamento, ainda é um lugar confortável de estar para ela. Este comportamento não vem do nada, é importante perceber o quanto a sociedade busca pela medicalização para lidar com sofrimentos.

⁶ A defesa da terminologia "autolesão" é mais apropriada do que "automutilação" porque evita conotações severas e patologizantes, oferecendo uma análise mais crítica da experiência dos sujeitos (Lorenzetti, Silbiger & Guzzo, 2023).

Diante disso, a modalidade de pesquisa de estudo de caso é valorosa por possibilitar o aprofundamento, nesse caso de uma criança que apresentava a ideação suicida, para pensar em ações macro de prevenção desse sofrimento nas escolas. Quando trabalhamos a perspectiva do sujeito sobre o seu desenvolvimento, criamos um espaço de reflexão-ação, acolhendo seu sofrimento e incentivando novas possibilidades de pensar sobre as situações da vida cotidiana.

Durante a análise percebemos uma limitação. Ao concluir o ensino fundamental e mudar de escola, o acompanhamento psicológico encerrou-se ali. Não há uma continuidade do trabalho realizado nesse período com a criança, um monitoramento do seu processo de desenvolvimento. Há essa falta de comunicação de uma escola com a outra, culminando no prévio conhecimento do estudante pelo seu histórico escolar.

Ainda assim, serve como um dado para repensar a forma em que os encaminhamentos para outros equipamentos está procedendo. A escola é parte da rede de proteção, é um espaço essencialmente potente para a promoção do desenvolvimento dos estudantes. Quando há esse ato de encaminhar, a escola fica alheia desse processo. No caso de Melinda, ainda que não fosse discutido abertamente o caso dela em si, as temáticas que íamos trabalhando no acompanhamento individual, eram levadas para os coletivos de professores e estudantes, para refletir e discutir sobre saúde psicológica, questões de violência, autolesão, e o próprio suicídio. Importante pontuar que, a defesa é de um trabalho em rede, porém o encaminhamento precisa ser feito quando as possibilidades de ação na escola já não cabem mais, não havendo progresso nos processos.

Portanto, a escola foi um espaço de apoio que possibilitou uma transformação social de Melinda. Pensar a ideação suicida é refletir sobre as violências e a violação de direitos que essa criança está manifestando, como se a única possibilidade de se livrar dessas contradições fosse o fim da própria vida. Adotar uma perspectiva psicossocial é essencial para não discutirmos a partir de um viés patológico, e sim na escuta sobre o que aquela criança te conta da sua própria história.

Conclui-se que, a partir do estudo de caso modelar de Melinda, ações de nível amplo podem ser pensadas para a prevenção do suicídio a partir de uma psicologia escolar crítica. Como discutido por Ian Parker (2014), a psicologia tradicional é usada como ferramenta ideológica para responder as demandas de uma sociedade capitalista/ neoliberal, quando o psicólogo encara questões emocionais como puramente biológicas utiliza-se desse poder para manter o status quo – manutenção do modelo médico e redução do sujeito aos sintomas e diagnósticos. Romper com essa concepção é fundamental para ampliar o estudo da ideação

suicida em idade escolar. Para estudos futuros, propõem-se uma pesquisa que possa desenvolver práticas preventivas nas escolas diante do fenômeno da ideação suicida, com um caráter crítico junto com a comunidade escolar.

7. REFERÊNCIAS

- André, M. (2013). O que é um estudo de caso qualitativo em educação? *Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 95-103.
- Berenchtein Netto, N. (2007). Suicídio: uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico-dialético [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
- Berenchtein Netto, N., & Souza, T. M. S. (2015). Adolescência, educação e suicídio: Uma análise a partir da psicologia histórico-cultural. *Nuances: Estudos sobre Educação*, 26(1), 163-195. <https://doi.org/10.14572/nuances.v26i1.3825>
- Brasil. (2018). Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Lei 13.709/18. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm
- Brasil. (2019). Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998: Lei nº 13.819. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/Lei/L13819.htm
- Brasil. (2019). Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica: Lei nº 13.935. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm
- Brasil (2021). Boletim epidemiológico nº 33, *Volume 52*. Brasília: Ministério da Saúde. https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf/view
- Brasil. (2024). Institui a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares: Lei nº 14.819. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14819.htm
- Cellard, A. (2012). A análise documental. In J. Poupard, J. P. Dslauriers, L. H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & A. Pires (Orgs.), *A pesquisa qualitativa* (3a ed., pp. 113-127). Vozes.
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). Código de Ética Profissional do Psicólogo: Resolução nº 010/05. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Disponível em <http://site.cfp.org.br/>.
- Costa, P. H. A., & Mendes, K. T. (2021). Saúde mental em tempos de crise e pandemia: Um diálogo com Martín-Baró. *Revista Psicologia e Saúde*, 13(1), 217-231. <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i1.1367>
- Durkheim, E. (2000). *O suicídio: Um estudo de sociologia*. Martins Fontes.
- Fairbairn, G. (1999). Reflexões em torno do suicídio: A linguagem e a ética do dano pessoal. Paulus.
- Fals-Borda, O. (1987). The application of participatory action-research in Latin America. *International Sociology*, 2(4), 329-347.
- Freire, P. (1979). *Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (17a ed.). Centauro.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do oprimido* (45a ed.). Paz e Terra.
- Freitas, M., & Pereira, E. R. (2018). O diário de campo e suas possibilidades. *Quaderns de Psicologia*, 20(3), 235-244. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1461>

- Guzzo, R. S. L. (2000). *Voo da Águia: Uma intervenção preventiva nas escolas. Projeto de Extensão – CNPq* (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).
- Guzzo, R. S. L. (2014). *Consciência e ação diante da violência: Desafios para a escola pública e psicologia. Projeto de Extensão – CNPq* (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).
- Guzzo, R. S. L. (2019). For what and for whom? Ethical and political commitments for psychology in Brazil. In S. H. Koller (Org.), *Psychology in Brazil* (pp. 147-166). Springer.
- Guzzo, R. S. L. (2020). The development of participatory action research. In D. T. Cook (Org.), *The Sage encyclopedia of children and childhood studies* (Vol. 3, pp. 1207-1209). Sage Publications.
- Guzzo, R. S. L., & Lacerda Jr., F. (2011). Sobre o sentido e a necessidade do resgate crítico da obra de Martín-Baró. In R. S. L. Guzzo & F. Lacerda Jr. (Orgs.), *Psicologia social para América Latina: O resgate da psicologia da libertação* (pp. 15-37). Editora Alínea.
- Guzzo, R. S. L., & Ribeiro, F. M. (2019). Psicologia na escola: Construção de um horizonte libertador para o desenvolvimento de crianças e jovens. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(1), 298-312.
- Guzzo, R. S. L., Ribeiro, F. M., Meireles, J., Feldmann, M., Silva, S. S. G. T., Santos, L. C. L., & Dias, C. N. (2019). Práticas promotoras de mudanças no cotidiano da escola pública: Projeto ECOAR. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(1), 153-167. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i1.2967>
- Gil, A. C. (1995). *Como elaborar projetos e pesquisa* (3ª ed.). Atlas.
- González-Rey, F. (2019). Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: Discussões sobre educação e saúde. In F. González-Rey, A. M. Martínez, & R. V. Puentes (Orgs.), *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios* (pp. 25-41). Pioneira Thomson Learning.
- Holzkamp, K. (1992). On doing psychology critically. *Theory & Psychology*, 2(2), 193-204. <https://doi.org/10.1177/0959354392022007>
- Holzkamp, K. (2018). *Ciência marxista do sujeito: Uma introdução à psicologia crítica* (E. Kawamura, J. Meireles, & R. S. L. Guzzo, Trad.). Coletivo Veredas.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *IBGE-Cidades*. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html>
- Lorenzetti, L., Silbiger, J., & Guzzo, R. S. L. (2023). Autolesão não suicida: Uma revisão de literatura e a defesa da descolonização do termo. *Revista Desidades*, 37, 26-46. <https://doi.org/10.54948/desidades.v1i37.58674>
- Martín-Baró, I. (1990a). La violencia política y la guerra como causas del trauma psicosocial en El Salvador. In I. Martín-Baró (Org.), *Psicología social de la guerra: Trauma y terapia* (pp. 9-12). UCA Editores.
- Martín-Baró, I. (1996). O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2(1), 7-27. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>
- Martín-Baró, I. (2011). Para uma psicologia da libertação. In R. S. L. Guzzo & F. Lacerda Jr. (Orgs.), *Psicologia social para a América Latina: O resgate da psicologia da libertação* (pp. 35-49). Editora Alínea.
- Marx, K. (2021). *Sobre o suicídio* (9ª ed.). Editora Boitempo. (Original publicado em 2006).

- Ministério da Saúde. (n.d.). Sistema Único de Saúde (SUS). <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/sus>
- Ministério da Saúde. (2021). *Boletim epidemiológico: Volume 52, nº 33*. Secretaria de Vigilância em Saúde. file:///C:/Users/danie/Downloads/Boletim_epidemiologico_SVS_33_final.pdf
- Moreira, A. P. G., & Guzzo, R. S. L. (2017). Violência e prevenção na escola: As possibilidades da psicologia da libertação. *Psicologia & Sociedade (Online)*, 29, 1-10. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29141683>
- Netto, J. P. (2011). Introdução ao estudo do método de Marx. Expressão Popular.
- Oliveira, L. B., Guzzo, R. S. L., Silva Neto, W. M. F., & Tizzei, R. P. (2014). Vida e obra de Ignacio Martín-Baró e o paradigma da libertação. *Revista Latinoamericana de Psicologia Social Ignacio Martín-Baró*, 3, 205-230.
- Organização Mundial da Saúde. (1946). Constituição da Organização Mundial da Saúde. https://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf
- Parker, I. (2014). Revolução na psicologia: Da alienação à emancipação. Alínea.
- Prilleltensky, I. (2008). The role of power in wellness, oppression, and liberation: The promise of psychopolitical validity. *Journal of Community Psychology*, 36(2), 116-136. <https://doi.org/10.1002/jcop.20225>
- Prilleltensky, I., Nelson, G., & Peirson, L. (Eds.). (2001). Promoting family wellness and preventing child maltreatment: Fundamentals for thinking and action. University of Toronto Press.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). (n.d.). O que é o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)? <https://www.undp.org/pt/brazil/o-que-%C3%A9-o-idh#:~:text=Publicado%20pela%20primeira%20vez%20em,IDH%20tornou%2Dse%20refer%C3%Aancia%20mundial>
- Santos, L. A., & Kind, L. (2022). Itinerários terapêuticos percorridos por pessoas que tentam suicídio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 38, 1-10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38412.pt>
- Santos, L. A., & Kind, L. (2020). Integralidade, intersetorialidade e cuidado em saúde: Caminhos para se enfrentar o suicídio. *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*, 24, 1-13. <https://doi.org/10.1590/Interface.190116>
- Sawaia, B. B. (2014). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B. B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 133-148). Vozes.
- Sawaia, B. B., & Silva, D. N. H. (2019). A subjetividade revolucionária: Questões psicossociais em contexto de desigualdade social. In G. Toassa, T. M. C. Rodrigues Souza, & D. de Jesus (Orgs.), *Psicologia Sócio-Histórica e desigualdade social: Do pensamento à práxis* (pp. 139-156). Editora Imprensa Universitária.
- Sen, A. (1999). *Development as freedom*. Anchor Books.
- Souza, V. L. T., & Andrada, P. C. (2013). Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30(3), 355-365.
- Szasz, T. S. (1979). *O mito da doença mental*. Zahar Editores.

- Vasconcelos, E. M. (2013). Empoderamento de usuários e familiares em saúde mental e em pesquisa avaliativa/interventiva: Uma breve comparação entre a tradição anglo-saxônica e a experiência brasileira. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(10), 2825-2835. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013001000007>
- Ventura, M. M. (2007). O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Revista SOCERJ*, 20(5), 383-386.
- Vigotski, L. S. (2018). Sete aulas de L. S. Vigotski: Sobre os fundamentos da pedagogia. *E-Papers*. (Original publicado em 2001).
- Walter, S.a. & Bach, T. M. (2015). Adeus papel, marca-textos, tesoura e cola: Inovando processos de análise de conteúdo por meio do Atlas.t.i. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 16(2), 275-308. <https://doi.org/10.13058/raep.2015.v16n2.236>
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e método* (2ª ed.). Bookman.

ANEXOS

ANEXO 1

Produção artística feita no último encontro por Melinda



ANEXO 2

Quadro 1: Categorias de sentido pensadas para a análise

Categorias de sentido
1- Desejo de ajuda
2- Dinâmica familiar
3- Desejo de acolhimento da mãe
4- Contexto vulnerabilizado
5- Rede de apoio
6- Preocupação com o outro
7- Consciência do processo
8- Vontade da morte
9 -Uso abusivo de drogas
10- Violência
11- Medo/ Raiva
12- Caos sentimental

ANEXO 3

Quadro 2: trechos extraídos dos diários de campo com sua respectiva citação, codificação e categoria de sentido.

Nº DC	Citação	Codificação	Categoria
DC21/ 2022	O contato se iniciou por uma mensagem enviada pela estudante pedindo para conversarmos presencialmente se possível.	Pedido de ajuda	1- Desejo de ajuda
	Ela é namorada do Antônio	Relacionamento com outra pessoa	5- Rede de apoio
	um estudante que está em acompanhamento por ideação suicida	Namorado em sofrimento	4- Contexto vulnerabilizado
	Contou que tem uma questão com o uso de medicamentos, que toma quando sente que precisa de um descanso dos pensamentos e situações.	Uso do medicamento como alívio	9 -Uso abusivo de drogas
	Além disso, se auto lesiona nos braços e coxas.	Autolesão não-suicida	10- Violência
	A mãe já sabe que ela tem esses comportamentos, vendo duas vezes marcas em sua pele.	Notado pela família	4- Contexto vulnerabilizado
	Esconde os medicamentos da estudante (mãe), porém ela arranja um jeito de fazer o uso de pelo menos um quando afirma precisar.	Toma medicação sem autorização da mãe	9 -Uso abusivo de drogas
	em sua fala carrega que só não pensa mais em se matar porque se preocupa com o outro.	Demonstra ter vínculo com outras pessoas, que afasta da I.S.	6- Preocupação com o outro 5- Rede de apoio
	afirmou que o sofrimento da amiga era maior que o seu por isso deveria relevar.	Empático com o sofrimento da amiga	6- Preocupação com o outro
DC22/ 2022	Contou que tomou remédio junto com uma amiga para aliviar tensões	Uso do medicamento como alívio	9 -Uso abusivo de drogas
	trouxe a demanda de tristeza por um acontecimento vivenciado no final de semana... sente falta da amizade, mas que foi uma decisão das duas.	Sentimento de tristeza quando rompe a amizade	5- Rede de apoio
DC28/ 2022	Contou que nesse recesso abusou dos medicamentos para lidar com seu nervosismo em casa	Medicação em casa e nervosismo	9 -Uso abusivo de drogas
	"logo que eu já coloco na boca vem a sensação de estar melhor"	Bem-estar com o medicamento	9 -Uso abusivo de drogas
	Contou que mora ela, a mãe e a tia na mesma casa, e que até um tempo	Núcleo de mulheres	5- Rede de apoio

	atrás tinha relação com a outra parte da família, porém um desentendimento fez gerar um afastamento.	Rompimento com a família macro	2- Dinâmica familiar
	Dormia no mesmo quarto que a mãe até o ano passado, porém sentiu necessidade de ter seu próprio espaço e privacidade.	Necessidade de privacidade dentro de casa	4- Contexto vulnerabilizado
	A mãe não reagiu bem, alegando que a mudança era porque a filha estava a abandonando.	Sentimento de abandono vindo da mãe	2- Dinâmica familiar
	Outro ponto que a mãe pontua para ela é que a única amizade que ela pode ter é com ela, que o resto não valia a pena, que quanto mais ela não criar esse tipo de relação melhor será para ela (a mãe não tem amigos).	Aconselhamento da mãe em somente confiar na família	2- Dinâmica familiar
	Não gosta (a mãe) de nenhuma amizade da estudante, nem do relacionamento amoroso que tem com Antônio	A mãe reprova todas as relações da filha, amizade e namoro	2- Dinâmica familiar
DC31/2022	Falou um pouco sobre a mãe e a relação conturbada que tem com a tia, e o quanto isso a afeta.	Relação conturbada entre a mãe e a tia	2- Dinâmica familiar
DC40/2022	nesse encontro estava com o cabelo mais curto e me contou que, em meio a uma crise cortou, após uma briga com o Antônio, em um ato de descontrole segundo ela.	Lidou com uma crise cortando seu cabelo	1- Desejo de ajuda
	a estudante já foi acompanhada por uma psicóloga no 5º ano, no qual auxiliava nas explosões de sentimento que tinha. Exemplificou que era tirada da sala para se acalmar quando brigava com alguma colega, e começava a gritar e querer bater no outro.	Contato com a psicologia mais nova, tinha explosões de sentimentos como bater e gritar	1- Desejo de ajuda 10- Violência
	Contou que desde pequena pensa/ imagina bater/ matar pessoas ou animais	Vontade de bater/ matar pessoas e animais quando pequena	10- Violência
	Referiu que prometeu a Antônio que diminuiria o consumo de remédios, bebidas e cigarro.	A promessa da diminuição do álcool, remédios e cigarro.	1- Desejo de ajuda 5- Rede de apoio
	Esse último (cigarro) foi apresentado pela tia, que a deixa fumar desde o 6º ano, alegando ajudar no nervosismo – sua mãe não sabe, pois não aprova o uso da tia.	A oferta do cigarro para lidar com o nervosismo advindo da tia, desde o 6º ano. A mãe não sabe.	1- Desejo de ajuda 2- Dinâmica familiar

	Contou que se não fosse pela mãe, tia e Antônio ela já teria se matado.	A rede de proteção - mãe, tia e namorado - para a não consumação do suicídio	5- Rede de apoio
	Perguntei se ela tinha um planejamento de como faria isso, me contando que sua vontade se presentifica desde os 10 anos	I.S. desde os 10 anos.	8- Vontade da morte
	com a ideia de pular de um prédio bem alto depois de ter bebido e fumado, e isso aconteceria ao som de uma das suas músicas favoritas.	Ideação de pular de um prédio alto, depois de fazer uso de álcool e cigarro, com músicas favoritas.	8- Vontade da morte 9- Uso abusivo de drogas
	Conversamos sobre as formas de se matar, e do quanto o suicídio não é somente o literal que conhecemos.	Os comportamentos que matam aos poucos.	8- Vontade da morte
	afirmou que desde pequena ela já tinha decidido que quando sua mãe e tia morresse, ela morreria logo em seguida.	Decisão de morrer, desde pequena, depois da sua mãe e tia.	8- Vontade da morte
	Esse pensamento só modificou na inclusão do Antônio, seu namorado.	O namorado como rede de apoio	5- Rede de apoio
	Constatou que ela é o que é hoje por todas as pessoas que passaram pela sua vida e a fizeram vestir uma máscara diferente, agir conforma as pessoas esperam, sendo um traço muito presente em todas as suas relações.	A personificação que criou a partir do outro, aquilo que o outro espera dela	7- Consciência do processo
DC44 / 2022	o sentimento da traição... a estudante entrou em uma crise de raiva e começou a puxar o cabelo e se dar socos enquanto chorava.	Sentimento de traição acompanhado com a raiva.	11- Medo/ Raiva
		Descontou em si, puxando cabelo e se batendo.	10- Violência
	Nesse momento da raiva ela verbalizou que “está cansada de viver”	Cansaço dos pensamentos	8- Vontade da morte 12 - Caos sentimental
	que sente vontade de morrer	Vontade de morrer	8- Vontade da morte
	e que “quero morrer para justamente parar de sentir”.	A morte para parar de sentir	8- Vontade da morte
	Nesse momento Melinda chorou ainda mais contando que só esperava que as pessoas a ajudassem, principalmente a sua mãe	A vontade da ajuda, principalmente da mãe.	3- Desejo de acolhimento da mãe

	contou que em uma situação a mãe ao perceber que ela estava se cortando disse para ela se matar logo	Verbalização da mãe para se matar Falta de apoio da mãe	3- Desejo de acolhimento da mãe
	e a estudante queria suporte e amor naquele momento	Desejo de amor e suporte da mãe	3- Desejo de acolhimento da mãe
	Em relação a sua família, contou que sua tia e sua mãe esperam que ela seja sempre perfeita	Idealização da mãe e tia, a perfeição.	2- Dinâmica familiar
	quando erra elas (mãe e a tia) a punem, fazendo silencio, a ignorando e não auxiliando-a nos seus dias mais difíceis.	O erro punido pelo silencio.	2- Dinâmica familiar
	Contou que na semana passada ficou deprimida, que dormia depois de tomar remédios e beber	Lidou com a tristeza dormindo, bebendo e tomando remédios.	9 -Uso abusivo de drogas
	e ela me disse que tem dificuldade em falar o que sente, que já treinou e isso é um obstáculo para ela, gerando grande sofrimento	A dificuldade de verbalizar o que sente, gera um grande sofrimento.	12- Caos sentimental
	dela me dizendo que seu medo é de todos desistirem dela, e me perguntou se eu desistiria dela também	Medo de desistirem dela	11- Medo/ Raiva
		O medo da solidão	11- Medo/ Raiva
DC 04/ 2023	na semana anterior teve uma crise de ansiedade na escola, e sua mãe teve que ir buscá-la.	crise de ansiedade na escola	12- Caos sentimental
	Isso fez com que a mãe comprasse mais dois medicamentos naturais para ela “ser mais controlada”, agora ela toma 16 gotas de um, 08 comprimidos do outro e cimegripe	facilitação da automedicação pela mãe.	9 -Uso abusivo de drogas
	revela que quando não precisa vir a escola ela não sente necessidade do uso (medicamento)	a necessidade do medicamento quando vem para a escola	4- Contexto vulnerabilizado 9 - Uso abusivo de drogas
	Contou que não tem mais vontade de estar aqui, com o sentimento da raiva como predominante	a raiva como sentimento dominante	11- Medo/ Raiva
		vontade da morte	8- Vontade da morte
	se sentir entorpecida a maior parte do tempo	sentimento de entorpecimento	12- Caos sentimental
	Revelou que “queria ser eu mesma”	desejo de pertencer a si	7- Consciência do processo
	quando perguntei quem era ela, me trouxe uma definição dada pela mãe: “sou grossa e insuportável”.	a descrição de si pelos olhos da mãe: grossa e insuportável	2- Dinâmica familiar 3- Desejo de

			acolhimento da mãe 4- Contexto vulnerabilizado
	Sua alimentação está a base de chocolate, miojo e pão com ovo no jantar	alimentação sem nutrientes	4- Contexto vulnerabilizado
	relatou que a mãe está fazendo uso de álcool todos os dias como forma de lidar com os problemas diários, que inclui o avô que mora com elas e não tem uma relação amigável com nenhuma das três.	A mãe fazendo uso de álcool diariamente para lidar com seus problemas	2- Dinâmica familiar 4 - Contexto vulnerabilizado
DC15/ 2023	Contou que tomou um copinho de conhaque, um paracetamol e um cinegripe.	Mistura de drogas	9 -Uso abusivo de drogas
	Contou que normalmente toma para ir à escola porque assim “adormece os sentimentos e a cabeça para de pensar tanto”.	Adormecer os sentimentos e os pensamentos com medicamento	9 -Uso abusivo de drogas
	contou que perde o controle quando não faz o uso, sentindo muita raiva e tristeza	Dependência de drogas, sente raiva e tristeza	9 - Uso abusivo de drogas 11- Medo/ Raiva
	Disse que nessa última semana se decepcionou muito com a mãe	Decepção com a mãe	3- Desejo de acolhimento da mãe
	a confiança da mãe foi um assunto bem delicado	Confiança com a mãe	3- Desejo de acolhimento da mãe
	Contou que conheceu um rapaz que trabalha no açougue e que ele fazia o mesmo trajeto que ela. Porém, Antônio e sua mãe não gostaram dessa relação, visto que ele tem 20 anos, e a mãe pediu para que se afastasse porque não confiava nele. Foi o que ela fez.	Proteção da mãe em uma situação que ela estava em risco	5- Rede de apoio
DC18/ 2023	contou que naquela semana tinha vindo sem tomar os remédios e que não gostou da sensação	Não gostou de ir à escola sem medicamento	9 -Uso abusivo de drogas
	disse que percebeu que ela sentia e ao mesmo tempo não sentia nada	Ambiguidade de sentir e não sentir	12- Caos sentimental
	ficou confusa e sem entender tudo aquilo	Confusão de pensamentos e sensações	12- Caos sentimental
	Outro ponto de muito sofrimento para ela foi seu relacionamento com Antônio	Sofrimento em ter que lidar com seu namoro	5- Rede de apoio

	conta que o namorado não é o mesmo do início, que ele faz brincadeiras com as outras meninas, mas que com ela não, e que quando pontua sobre isso com ele, a sua fala é que o relacionamento de namoro é diferente do relacionamento de amizade.	Insatisfação com os comportamentos do namorado	12- Caos sentimental
	contou que ele a xingou pedindo para terminar o relacionamento, e ela não deixou	Negação do término do namoro	12- Caos sentimental
	chorou muito ao dizer que ela se afastou de todos porque Antônio tinha ciúmes, e que agora era muito difícil entender tudo isso.	Arrependimento do afastamento dos colegas pelo ciúme do namorado.	7- Consciência do processo
	repetiu que sem Antônio ela ficaria igual a mãe e a tia, sozinhas.	O medo de sem o namorado ficar igual a tia e a mãe	11- Medo/Raiva
	Contou que elas (tia e mãe) sempre afirmam que não existe amigo e somente a família.	A mãe e a tia aconselhando sobre a única relação verdadeira ser a família	2- Dinâmica familiar
DC20/2023	conta que sempre que pede para conversar sobre algo ele (namorado) desconversa e pede para ela “não começar”.	Namorado não acolhe a conversa	1- Desejo de ajuda
	(Perguntei o que a fazia continuar com ele) motivos foram mais relacionados a escola - [somos da mesma sala e ficaria estranho se terminássemos]	Dependência do namorado.	7- Consciência do processo
	ano que vem vamos mudar de escola e com o tempo passo a não gostar mais dele	Falta de coragem de terminar o namoro	11- Medo/Raiva
	A tia e a mãe continuavam bebendo muito e a deixando vulnerável nesse quesito, comprando para ela também.	Exposição cotidiana ao álcool pela família.	2- Dinâmica familiar 4 - Contexto vulnerabilizado 9 - Uso abusivo de drogas
	A gata delas faleceu, e isso afetou a tia gerando uma preocupação de Melinda com ela.	Empatia pelo sofrimento da tia.	6- Preocupação com o outro
	O avô continua do mesmo jeito, tratando a mãe, a tia e ela com indiferença, tornando o espaço, ou melhor, a casa desagradável de estar.	Desconforto do tratamento do avô com elas.	2 - Dinâmica familiar 4- Contexto vulnerabilizado

	Ela continua resistente à mudança de hábito, contando que não tem fome e que quando forma a comer fica com ânsia.	Resistência a se alimentar melhor, fica com ânsia.	10- Violência	
	Em relação ao uso de medicamentos, durante as férias pouco o fez, porém com o retorno disse que não conseguiria ficar sem porque o ambiente era muito cansativo para ela.	A escola sendo um ambiente cansativo.	4- Contexto vulnerabilizado	
		Durante o recesso diminuiu o uso das drogas.	9 -Uso abusivo de drogas	
	Ela me perguntou sobre o <i>borderline</i> dizendo que fez um teste na internet que indicou que ela poderia ter, além de ter visto um vídeo de um homem falando sobre os sintomas que se identificou.	Acesso ao diagnóstico do <i>Borderline</i> nas redes sociais.	1- Desejo de ajuda	
		Identificação com os sintomas.	1- Desejo de ajuda	
DC21/ 2023	Ao longo da semana passada tínhamos combinado dela tentar ficar sem drogas durante terça até sexta, e escrever como se percebia, porém ela faltou todos esses dias dizendo que não queria estar na escola.	Evitou a escola nos dias que combinou de ficar sem as drogas.	9 -Uso abusivo de drogas	
	Enviou algumas fotos das suas comidas por <i>whatsapp</i> , tentando se alimentar melhor.	Enviou fotos da sua alimentação por <i>whatsapp</i> , indicando uma melhora	1- Desejo de ajuda	
	contou que na terça-feira passada ficou desconfortável com os amigos perguntando o que ela tinha.	Desconforto com a preocupação dos amigos	5 - Rede de apoio 6- Preocupação com o outro	
	Isso a deixou tão frustrada que faltou o restante da semana.	Frustração pelo desconforto	1- Desejo de ajuda	
	Conversei com ela sobre o problema de falar sobre isso com as amigas, e ela justificou que a mãe e a tia a orienta a sempre sorrir quando está mal.	A orientação da mãe e da tia em não expressar quando não está bem.	2- Dinâmica familiar	
	contou que acordou sentindo muita raiva e na tentativa de fazer passar tomou seis comprimidos (02 paracetamóis, 03 cimegripe e 01 Neosaldina).	Para lidar com a raiva, fez o uso de seis comprimidos	9 -Uso abusivo de drogas	
	DC21/ 2023	Combinamos na segunda que ela tentasse vir sem o medicamento hoje, mas disse que não conseguiu, por já estar automático a sua ingestão	Comportamento automático do uso dos medicamentos	9 -Uso abusivo de drogas

	o não sentir, sobre vestir máscaras para não transparecer que algo realmente nos afeta.	Encobrir os sentimentos, para não afetar o outro	12- Caos sentimental 6 - Preocupação com o outro
DC35/ 2023	Contou que adotou um gatinho de 02 meses, porque sua antiga morreu	Adoção de um gato	5- Rede de apoio
	Melinda cortou o cabelo e pintou, além das tatuagens que fez próximo a lombar.	Mudança na imagem, cabelo e tatuagem	4- Contexto vulnerabilizado
	O desenho é um estilo tribal, disse que fez porque achou bonita	Tatou um desenho tribal	4- Contexto vulnerabilizado
	contou que conversou com ele (namorado) depois do nosso encontro e ele disse que ficava com receio dos professores falarem algo para a irmã e ela brigar, mas que começou a se aproximar mais depois disso.	Atitude de conversar sobre o que a estava incomodando com o namorado	5- Rede de apoio
	contou que tem amigos imaginários, Jorge e Anastasia, e que prefere eles e o mundo paralelo que cria, do que as pessoas na vida real.	Adoção de um mundo paralelo, com amigos imaginários	1- Desejo de ajuda
DC37/ 2023	A estudante fez um desenho do que ela deseja para o futuro.	Perspectiva para o futuro	7- Consciência do processo
	Nesse desenho contou que sua vontade é de morar em uma casa no meio da floresta sem cerca e que, talvez, Antônio estivesse com ela.	Afastamento da sociedade, com uma possível adaptação com o namorado	5- Rede de apoio 7 - Consciência do processo
	Contou que nesta casa ela usaria quando não se sentisse bem.	Refúgio para os dias não tão bons	7- Consciência do processo
	Melinda reconhece que se isola quando não está confortável com algo, e isso refletiu no seu desejo/ desenho.	O comportamento de se afastar quando não se sente confortável	7- Consciência do processo
	Contou que pensar em morar em um apartamento com Antônio	Perspectiva para o futuro	5- Rede de apoio 7 - Consciência do processo
	Eles terminaram na semana anterior, mas voltaram pelo motivo que ele percebeu que o modo em que ele estava a tratando não era o que ela merecia/ pedia.	Perspectiva para o futuro	5- Rede de apoio 7 - Consciência do processo
	Contou que não foi atrás dele quando ele tomou a decisão, dando espaço para ela lidar com isso.	Abertura para o namorado refletir sobre seus comportamentos.	7- Consciência do processo

DC38/ 2023	Foi escrito em terceira pessoa (carta), disse que foi mais fácil de lidar com os sentimentos que foram surgindo.	Escrita de uma carta na perspectiva de uma terceira pessoa	7- Consciência do processo
	Contou que se sentiu estranha em desejar coisas para si, mas que ao mesmo tempo foi bom, uma experiência interessante segundo ela.	Estranhamento em desejar coisas para si no futuro.	7- Consciência do processo
DC38/ 2023	ela escreve que algumas coisas não vão mudar completamente, mas que ter objetivos e pessoas para se importar aumentam a sua vontade de estar no mundo.	Vontade de estar no mundo,	7- Consciência do processo
		perspectiva para o futuro	7- Consciência do processo
		rede de proteção	5- Rede de apoio
	Contou que percebe que tem duas Melindas em sua cabeça, uma diferente da outra que tem relação com os 02 desenhos que fez na capa.	Dualidade de vontades	12- Caos sentimental 7- Consciência do processo
	Cada um com seu título, o primeiro escrito <u>free</u> e o segundo <u>pressão</u> .	Dualidade de sensações: livre e pressão	12- Caos sentimental
	o 2º desenho ela nomeou como a antiga Melinda, com cores mais terrosas, vermelho forte, com lágrimas e opaco, uma máscara.	A pressão como a antiga característica	12- Caos sentimental
	Já a 1º tinha cores mais vivas, com olhos abertos, antenas.	A liberdade como a nova característica	12- Caos sentimental
	comparação sobre ser algo ou fingir algo para si e para o outro.	Não se reconhecer	7- Consciência do processo
	Conversamos do seu incomodo da 2ª pessoa trazer pensamentos que a sabotem, enquanto a 1ª traz possibilidades e incômodos para pensar além do confortável.	Dualidade entre as duas sensações, a partir das máscaras.	12- Caos sentimental
		A pressão como o passado e a liberdade como o presente	12- Caos sentimental
	em 13 anos da vida dela ela viveu e conviveu com a 2ª imagem, que ela é mais forte	A pressão como a antiga característica	7- Consciência do processo
	mas que a 1ª é nova, mas muito potente e ela vem escolhendo escutar a primeira	A escolha da liberdade	7- Consciência do processo
	mas que em alguns momentos a 2ª tomará a frente, fazendo parte do processo.	Processo de autorreconhecimento, mas ainda com dúvida e medo da recaída	7- Consciência do processo 11 - Medo/Raiva
falou sobre a importância de eu não ter desistido dela, de ter estado ao seu	Importância do vínculo com a psicóloga	5- Rede de apoio	

	lado mesmo em momentos que ela estava desconfiada.		
	Disse que ela agora se sente mais segura e confortável para pensar sobre seus sentimentos, e não mais empurrá-los e ignorá-los.	Confiança em si para pensar sobre seus sentimentos	7- Consciência do processo
		aprender olhar para si	7- Consciência do processo
		colocar limite nas suas relações	7- Consciência do processo